

Universidade de Lisboa
Faculdade de Letras
Departamento de Estudos Anglísticos



THE SPECKLED PEOPLE de Hugo Hamilton:
VIDAS MATIZADAS E OS MATIZES DA TRADUÇÃO

Anexo II

Cristina Bensassy Costa
MESTRADO EM ESTUDOS INGLESES E AMERICANOS
Estudos de Tradução

Lisboa 2011

Um dia a caldeira rebentou. Começou a assobiar e a estalar por causa de todas as porcarias que eram atiradas lá para dentro. Ficou tão quente que se podia ouvir a estalar por dentro. Depois deu um estouro e desatou a deitar fora uma água acastanhada que mais parecia chá com leite a espalhar-se pelo chão da cozinha. A mãe disse ao pai para chamar os bombeiros. Ele franziu o sobrolho e sugou o ar por entre os dentes. Mas depois ele próprio apagou o fogo. Com uma pá, levou o carvão lá para fora e arregaçou as mangas para varrer o chá pela porta das traseiras.

A seguir vem o inverno e casa começa a encher-se de ratos. Os canos estão frios e há ratos em todos os quartos porque passam por baixo da porta das traseiras. Todos os dias chegam mais e mais até que, como diz a mãe, os ratos todos da cidade vêm viver para a nossa casa. Há ratos na entrada, nas escadas, para onde quer que vamos, lá estão eles. Sempre que se abre uma porta e se entra num quarto vê-se ratos a fugir. Mas onde há mais é debaixo da escada, onde estão guardadas coisas como frascos de compota, tachos e sapatos velhos. Os ratos são tantos que temos de ver onde pomos os pés porque um dia, quando o Franz descia a correr os três degraus que vão da entrada para a cozinha, um rato bebé saiu debaixo das escadas e ficou esmagado. Agachámo-nos todos para examinar o cadáver esborrachado até que mãe pediu para não nos interessarmos tanto por sangue e, com uma pá, levou-o dali.

Está tanto frio, estamos todos numa única divisão, perto da lareira, onde se está melhor e é mais quente, mas se saímos dali e subimos para os quartos é como se fossemos para a rua, precisamos de vestir o casaco. A mãe mostra as mãos e diz que jamais voltarão a aquecer. Com o frio, ficaram azuis e verdes como a cavala. Quer que tenha pena das mãos dela e que a deixe, por favor, metê-las debaixo da minha camisola para aquecerem. Diz-me para ser bonzinho e dar abrigo às suas pobres mãos, azuis da cor do peixe. Só por um ou dois minutos, para aquecer. Então eu grito e rio-me e a mãe grita e ri-se porque as cavalas são nadadoras muito rápidas, passam por baixo da camisola, vão até ao pescoço, metem-se debaixo da camisa e a mãe diz:

– *Wie schön, wie schön warm*, oh que maravilha, tão bom e tão quentinho.

A Áine regressou de Londres mas está tão triste que agora só fala sozinha, em frente ao espelho. Já nem diz “walk on the wall” em irlandês nem em inglês nem vai para a beira-mar porque não tem força nas pernas. Nunca mais vai voltar para Londres

1 mas também não quer voltar para Connemara, por isso fica a viver connosco. Às vezes
2 ouvimo-la chorar e a mãe acha que lhe aconteceu qualquer coisa, algo que não se
3 consegue explicar nem esquecer, por isso temos de esperar que ela recupere as palavras.
4 O *Onkel* Ted veio fazer-lhe o sinal da cruz mas a Ainé não sai e ninguém sabe o que
5 fazer. A mãe diz que o pior de tudo é estar termos pena de nós sozinha. Podemos ajudar
6 os outros, mas muitas vezes não conseguimos ajudar-nos a nós próprios.

7 À noite conseguem ouvir-se os ratos a arranhar e a correr uns atrás dos outros.
8 Durante um tempo ainda contámos os que víamos, todos os dias, mas depois não
9 sabíamos se estávamos a contar o mesmo rato duas vezes, em quartos diferentes. O pai
10 trouxe duas ratoeiras para os apanhar, mas não foram suficientes por isso trouxe outra
11 que apanha três de uma vez. Mas não fez diferença nenhuma. Mesmo que
12 apanhássemos três ratos por dia, a mãe diz que íamos demorar cem anos para os apanhar
13 todos porque eles são mais rápidos a fazer famílias do que nós a matá-los. A única coisa
14 a fazer era parar de falar deles e então eles acabariam por se ir embora. Um dia vimos
15 um rato morto, na ratoeira, que tinha sido meio comido pelos próprios amigos e a mãe
16 disse que estava na hora de acabar com aquela conversa. Ela disse que os ratos não têm
17 sentimentos e que algumas pessoas também não têm sentimentos.

18 A Ainé passou o dia inteiro sentada na cama a fumar cigarros. A mãe acha que o
19 melhor era ela arranjar trabalho, assim podia comprar roupas novas, sair e conhecer
20 outras pessoas. As pernas da Ainé nem conseguiam levá-la até à porta da frente por isso
21 a mãe foi dar uma volta pela vizinhança perguntando se alguém sabia de algum
22 trabalho. Perguntou numa loja de artigos para homem e falou com outras pessoas em
23 duas mercearias. Passado muito tempo encontrou um trabalho numa loja de presentes,
24 mas logo no primeiro dia, a Ainé desfez-se em lágrimas e o dono disse à minha mãe que
25 uma loja de presentes é um lugar alegre e ninguém ia comprar nada a quem está sempre
26 de lágrimas nos olhos. Disse que em vez da Ainé preferia que fosse a minha mãe a
27 trabalhar com ele. A minha mãe respondeu que gostaria muito de trabalhar na loja de
28 presentes mas tinha mãos que pareciam cavalas e ninguém ia gostar de comprar nada a
29 quem tem mãos frias como peixe.

30 A minha mãe achava que sabia qual era o problema. Se a Ainé tivesse uns
31 sapatos bonitos ia sentir-se melhor e as pernas já a levariam à rua, sem vergonha. O meu
32 pai protestou, disse que era um desperdício porque toda a gente lá em casa também
33 precisava de sapatos novos, mas a minha mãe respondeu-lhe que tudo seria

1 recompensado. E assim a Aine ganhou uns sapatos novos mas não serviu de nada. À
2 noite deixava a luz acesa e o pai voltava a reclamar que também aquilo era um
3 desperdício pois ela nem um livro lia, só ficava ali sentada a fumar cigarros. O pai
4 contou que tinha deixado de fumar quando decidiu comprar discos alemães e só havia
5 uma maneira de os poder pagar, era usando o dinheiro dos cigarros. Se ele tivesse um
6 rato por cada cigarro que a Aine fumava e um cêntimo por cada rato que ele apanhava,
7 podia comprar todas as óperas e todas as sinfonias que existiam na *Deutsche*
8 *Grammophon*. Dizia que os cigarros é que faziam com que a Aine andasse triste. E uma
9 manhã, a mãe encontrou um buraco preto numa das fronhas das almofadas e teve medo
10 que a casa pegasse fogo.

11 Todos os dias a mãe senta-se ao pé da Aine tentando fazê-la sorrir. Acha que
12 ninguém nos consegue fazer sorrir se não quisermos. Todos os dias o pai vai de
13 comboio para o trabalho. Todos os dias caçamos ratos e todos os dias chegam mais.
14 Todos os dias grito e rio quando a mãe enfia debaixo da minha camisola as mãos que
15 parecem cavalas. Todos os domingos o *Onkel* Ted vem comer, depois de ir nadar em
16 *Forty Foot* porque para ele não está frio. Contamos-lhe as coisas que aconteceram mas
17 sem falarmos dos ratos, nem da Aine ou dos buracos pretos nos vestidos dela. Maria, a
18 minha irmã, levanta o vestido e mostra a barriga ao *Onkel* Ted e depois vamos ao bolso
19 do casaco dele para tirarmos doces. Ele vai lá acima fazer o sinal da cruz à Aine e
20 quando regressa diz que a minha mãe devia levá-la a dançar

21 – Dança irlandesa – disse o pai – tem de ser dança irlandesa

22 Por um momento ficamos todos em silêncio, a olhar uns para os outros. Até que
23 a mãe, de repente, desata a rir e diz que já se esqueceu de como é que se dança. Os dois
24 irmãos, em silêncio, olham para a minha mãe que ri, ri só de pensar na ideia de ter vindo
25 desde a Alemanha até a Irlanda para levar uma mulher irlandesa a dançar dança
26 irlandesa O *Onkel* Ted sorri e espera que a minha mãe pare. Está muito sério e diz que
27 há coisas que nunca se esquecem, como andar de bicicleta, nadar e ajudar os outros. Por
28 isso, uma noite, a mãe e a Áine arranjaram-se e foram dançar na cidade. A mãe vestiu o
29 vestido azul de pintas brancas e a Áine calçou os sapatos novos e um vestido sem
30 buracos. O pai fixou em casa a ler um livro e nós ficámos sentados no tapete a brincar
31 com os carros e a ouvir os ratos.

32 A mãe disse que a dança irlandesa não era nada parecida com a valsa nem com
33 qualquer outra dança que conhecia. Disse que na Irlanda os pés nunca chegam sequer a

1 tocar o chão. Disse que todos flutuavam, menos um homem que de vez em quando batia
2 com o salto e dava uma pancada ao ritmo da música como se estivesse a tentar fazer
3 buracos no chão. O salão de baile cheirava a fumo, a perfume e a suor e estava cheio
4 com gente de todas as idades. Sentados nos lugares, estavam também um padre e
5 algumas freiras. Uma mulher mais velha, de cabelos compridos, dançava como se
6 tivesse 16 anos. Os homens estavam todos num lado do salão e as mulheres do outro.
7 Elas dançavam como se os homens não estivessem ali e as pessoas ao balcão das
8 bebidas conversavam sobre o chá e as sandes como se o baile não existisse. A mãe
9 reparou em três rapazes que repartiam entre eles uma garrafa de gasosa. Cada vez que
10 um bebia pela palhinha, os outros dois ficavam atentos para terem a certeza de que não
11 ultrapassava uma certa marca, antes de passar a rapaz seguinte. Bebiam tão depressa
12 que ficavam com lágrimas nos olhos.

13 Volta e não volta vinham os homens do outro lado da sala convidar a minha mãe
14 para dançar, mas ela sorria e abanava a cabeça. Agradecia-lhes e pedia-lhes para
15 dançarem antes com a Áine. A mãe diz que se percebe quando o rosto de um homem
16 fica abatido. Mas uma vez que se tinham dado ao trabalho de atravessar a sala, não
17 podiam voltar para trás de mãos a abanar. A Áine também não queria dançar. Dizia que
18 tinha as pernas dormentes. Então o homem tinha de puxá-la pela mão enquanto a minha
19 mãe a empurrava. A Aine tentava ficar no lugar agarrando-se com os pés e acabava por
20 levar a cadeira de rastos atrás dela até que a minha mãe finalmente a conseguia tirar.
21 Mesmo assim o homem tinha dificuldade em tentar fazer com que a Aine dançasse
22 porque ela fincava os pés no chão e não se movia. A mãe disse que ela tinha pés de
23 chumbo e os homens deixaram de ir até lá.

24 A mãe diz que é engraçado ver uma mulher alemã obrigar uma mulher irlandesa
25 a dançar contra a vontade dela. Diz que é difícil entender o que se passa na cabeça dos
26 irlandeses. Diz que dançam com a cabeça e falam com os pés. Todos sabem o que vai
27 nas cabeças de uns e de outros mas nunca ninguém o diz em voz alta. Gostam de
28 guardar tudo dentro deles. Diz que os alemães dizem o que pensam e que os irlandeses o
29 guardam para eles e pode ser que assim seja melhor. A mãe diz que na Alemanha as
30 pessoas pensam antes de falar, por isso dizem o que querem, enquanto na Irlanda falam
31 antes de pensar para saberem o que querem dizer. Na Irlanda as palavras nunca tocam
32 no chão.

Depois do baile a Áiné deixou de falar, de todo. Havia algo na mente dela que estava a deixá-la doente e a mãe dizia que se ela não falasse do assunto, acabava por morrer. Já tinha deixado de comer, só fumava. Um dia o Dr. Sheehan teve de vir porque a Áiné já tinha começado a queimar os braços e as pernas. Disse que ela devia ir para o hospital mas o *Onkel* Ted veio mais uma vez fazer-lhe o sinal da cruz. Passou muito tempo no quarto a conversar com ela muito baixinho e acenando com a cabeça. Deu-lhe muito tempo para se lembrar de tudo o que tinha acontecido até que finalmente ela recomeçou a falar. Disse qualquer coisa em irlandês ao *Onkel* Ted, que desceu com uma resposta. Disse que para a Áiné parar de queimar os braços e as pernas, para conseguir voltar a sorrir e deixar de estar triste, tinha de recuperar o bebé que era dela. Então, um dia a mãe saiu com a Áiné e voltaram com mais um bebé. Ela ia regressar a casa porque agora voltava a sentir-se feliz. Já não precisava de fumar nem de falar sozinha porque já tinha um bebé com quem conversar. A mãe ajudou-a a fazer a mala com muitas roupas de bebé alemãs e riram as duas porque a Áiné disse que quase parecia que levava um bebé alemão para Connemara. No dia que ela foi embora quem chorou foi a minha mãe, ao ver como a Áiné sorria.

Os homens vieram arranjar a caldeira. Voltou a haver mais chá com leite espalhado no chão da cozinha, mas depois acabou-se e os canos voltaram a aquecer. O pai põe muito carvão na caldeira para a casa voltar a ficar quente. Depois vieram entregar carvão. O camião parou lá fora na rua e, como não podiam dar a volta para as traseiras, os homens, de caras e mãos enfarruscadas, tinham de atravessar por dentro de casa. A mãe tinha medo que o vento fizesse bater as portas com força por isso tivemos de as manter abertas. O Franz na porta da entrada, eu na porta do meio e a Maria na porta das traseiras. A mãe pediu-nos para contarmos os sacos à medida que entravam. Disse que na Irlanda as pessoas contam mentalmente mas que na Alemanha o fazem em voz alta. E nós contámos em voz alta -- *Einz, Zwei, Drei, Vier, Fünf* ... até chegar a quinze.

Os homens entravam e paravam curvados sob o peso das sacas deixando umas marcas pretas e grande nos sítios onde elas raspavam na parede. E quando desciam os três degraus que davam para a cozinha e saíam pela porta das traseiras, levantavam sempre uma mão enfarruscada para se segurarem na ombreira da porta. Um deles piscou-me o olho e fez com que me perdesse na contagem. Fiquei sem saber se devia

1 contar a saca que estava a chegar ou a que já tinha passado. Mas depois ouvi o Franz a
2 contar na porta da frente e consegui acertar.

3 Depois de a arrecadação lá fora estar cheio e de haver carvão espalhado pelo
4 caminho, os homens voltaram para o caminhão. Um deles contou as sacas vazias, como se
5 não confiasse na nossa contagem. Voltou a entrar com um papel cor-de-rosa cheio de
6 dedadas negras e pediu à minha mãe para assinar. Era para ter a certeza que ela
7 concordava que não tinha havido engano na contagem e que ninguém ia fugir com uma
8 saca vazia. Mas não podia haver engano, nós tínhamos contado bem alto em alemão e
9 eles tinham contado as sacas vazias em inglês e o número era o mesmo fosse em que
10 língua fosse.

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32

Oito

A mãe tem de regressar a Kempen e não podemos ir com ela. Está ao telefone, na sala de entrada, a chorar e a falar para a Alemanha, muito alto, e nós estamos do outro lado da porta, a ouvir, até que sai com umas grandes olheiras. Diz que tem de viajar por uns tempos. Por isso nós temos de ficar numa casa que tem uma porta amarela, onde não se fala irlandês, nem alemão, só inglês. A mãe põe em cima da cama tudo o que precisamos e mete tudo num saco. Levantamo-nos de manhã, muito cedo, quando ainda está escuro lá fora e a luz do quarto está tão brilhante que nem se pode olhar para ela. Também está frio e o Franz está de pé junto à cama, em cuecas, a tremer, a cantar uma nota longa e a bater os dentes. Consigo vestir a camisa sozinho mas não consigo abotoá-la porque tenho os dedos dormentes. A mãe está cheia de pressa e beliscou-me o pescoço ao abotoar o botão de cima, mas pediu desculpa e estava na hora de ir embora. Na rua ainda está escuro e podemos soprar o nosso bafo como se fosse fumo. Ainda está escuro quando apanhamos o autocarro e continua escuro quando chegamos à porta amarela e eu deixo de conseguir andar porque as pernas estão dormentes. Coxeio das duas pernas e agarro-me ao casaco da mãe porque não quero emigrar e ir viver num país diferente do dela.

Não sei onde fica a Alemanha. Sei que é longe da Irlanda porque não se pode ir até lá de autocarro, só num mapa é que se pode ver a Alemanha. Sei que houve uma primeira guerra mundial e uma segunda guerra mundial e que sem a primeira não teria havido uma segunda. Sei que os alemães quiseram ter um império mas não foram

1 autorizados. A cabra também gostaria de ter uma grande cauda mas tem uma pequena,
2 diz a mãe cada vez que queremos algo que não podemos ter.

3 Não gosto da casa da porta amarela. Não gosto da divisão com uma casa de
4 banho e dez bacios pendurados na parede. Não gosto do cheiro da placa de borracha
5 castanha que está na cama e não gosto do cheiro do leite-creme. A casa com a porta
6 amarela e com o leite-creme amarelo é um lugar onde ficamos à espera que a mãe
7 regresse e às vezes ouvimos outras crianças a chorar, nas escadas, porque também estão
8 à espera. O Franz nem comeu o leite-creme, nem foi à casa de banho. Fechou a boca e
9 disse que nunca mais a voltava a abrir. A senhora fez de conta que a colher estava a
10 tentar entrar na boca mas ele sacudiu a cabeça e foi-se embora. Só conseguia comer e ir
11 à casa de banho em alemão. Por isso o pai teve de ir lá para o levar à casa de banho. Eu
12 fechei a boca e recusei-me a falar porque a senhora não queria dizer adeus à lua. Disse
13 que ela era de um país estrangeiro e então o pai teve de ir lá outra vez e ensinar à
14 senhora a palavra para lua em irlandês.

15 Sei que o pai da minha mãe, Franz Kaiser, tinha uma papelaria na cidade de
16 Kempen e sei que ninguém tinha dinheiro para comprar fosse o que fosse, por isso ele
17 teve de a fechar. Mas isso não o impedia de contar anedotas nem de pregar partidas às
18 pessoas só para ver a cara delas. A mãe diz que ele era famoso por todas aquelas coisas
19 engraçadas que costumava fazer porque depois compensava sempre tudo. Certo dia, no
20 café Kranz, enfiou o dedo num donut e levantou-o perguntando quanto custava, só para
21 ver a cara das pessoas quando disse que era muito caro. Mas depois comprou-os todos,
22 um para a minha mãe, um para cada uma das quatro irmãs e outro para cada uma das
23 crianças que encontravam na praça do mercado.

24 Certo dia pregou uma partida ao comandante do exército belga. Sei que a cidade
25 da minha mãe é na Renânia mas estava ocupada por belgas e por franceses como castigo
26 por causa da primeira guerra mundial. Foi confiscada aos alemães pelo tratado de
27 Versalhes. Assim, naquela noite, Franz Kaiser e o primo Fritz planearam uma partida.
28 Trouxeram da loja um tinteiro de porcelana cheio de tinta. Abriram uma folha de papel
29 em cima da mesa e trouxeram a pena grande que estava do lado de fora, por cima da
30 porta da loja. Depois, convidaram o comandante do exército belga para ir tomar uma
31 bebida lá a casa, só para ver a cara dele quando o levaram até à mesa e lhe pediram para
32 assinar um novo tratado. O comandante ficou muito zangado mas depois ofereceram-lhe
33 um charuto e o melhor vinho que tinham em casa. A mãe diz que toda a gente gostava

1 das brincadeiras de Franz Kaiser, mesmo aqueles com quem brincava, e diz que talvez a
2 segunda guerra mundial não tivesse acontecido se houvesse mais pessoas como ele. Mas
3 os Nazis chegaram ao poder e na Alemanha deixou de haver tempo para brincar.

4 Então ele adoeceu e a minha mãe tinha de lhe contar o que se passava lá fora, na
5 praça. Ele sentava-se numa cama, na sala de estar, por cima da loja, com uma grande
6 alcova e um piano perto da janela. Ela tinha de olhar lá para fora e contar-lhe o que ia
7 acontecendo. E todos os dias, a mãe dela tocava para o ajudar a sentir-se melhor.
8 Cantava *Freischütz*¹ e todas as árias de Schubert que ela tinha interpretado na ópera em
9 Krefeld, na época em que ele lhe mandou um cacho de bananas em vez de um ramo de
10 flores. Todos os dias o barbeava e tocava piano, mas ele não melhorava. A minha mãe
11 tinha nove anos e um dia ele pediu-lhe que lhe levasse um espelho para que pudesse
12 despedir-se de si próprio. Já não queria saber quem é que passava na rua. Só queria
13 olhar-se no espelho, durante muito tempo e em silêncio. Depois, sorriu para a sua
14 imagem e disse:

15 – *Tschüss, Franz...*

16 A mãe diz que nunca há-de esquecer o cheiro das flores à volta da cama nem há-
17 de esquecer todas as pessoas da cidade, lá fora na praça. Lembra-se das olheiras no
18 rosto da mãe no momento em que o caixão saiu de casa. Diz que talvez não seja lá
19 muito bom ser filha de duas pessoas que se amam tanto porque é como fazer parte de
20 um romance, ou de uma canção, ou de um filme dos quais podemos nunca sair.

21 Depois disso, a mãe dela passou a andar vestida de preto. Todas as noites reunia
22 as cinco filhas na sala de estar, por cima da loja. Marianne, Elfriede, Irmgard, Lisalotte
23 e Minne, todas a ouvirem as árias de Schubert e a olharem pela janela observando as
24 pessoas a atravessarem a praça Buttermarkt² a caminho do cinema. A mãe diz que se
25 lembra de uma chuva leve e triste que ofuscava o anúncio por cima do cinema onde se
26 lia *Kempener Lichtspiele*³ e que tornava negros os troncos das árvores. Na Alemanha já
27 não havia dinheiro, por isso agora a mãe dela tinha de dar aulas de piano e pôr uma vela
28 na lareira para fazer com que a casa parecesse quente. Tiveram de vender coisas como
29 castiçais e jarras. A mobília começou a desaparecer e os quartos começaram a parecer
30 vazios. Então a Alemanha ficou tão pobre que decidiram emigrar para o Brasil.

¹Ópera de Carl Maria Von Weber (Século XIX) traduzida para português como: O Franco-atirador

² Mercado da manteiga, em alemão (NT)

³ Nome da sala de espetáculos (NT)

1 Em Kempen, estavam a acontecer coisas que deixavam as pessoas com medo.
2 Toda a gente tinha medo dos comunistas e uma noite, na rua perto da escola velha,
3 espancaram com paus dois homens de camisas castanhas. Depois, tudo deu uma
4 reviravolta e os homens de camisas castanhas espancaram os homens comunistas com
5 paus e com os punhos. Por causa de coisas assim, as pessoas ficavam em casa. Não
6 queriam sair e a mãe diz que a Alemanha pertencia aos homens do punho cerrado e que
7 era melhor ir começar de novo noutro lugar como o Brasil.

8 Primeiro, deviam ir as irmãs mais velhas, Marianne e Elfriede, para se casarem
9 com uns rapazes alemães que já lá estavam. Na Renânia havia uma organização católica
10 que juntava rapazes e raparigas alemães para que fossem começar uma vida nova,
11 plantando café e tabaco e procurando as árvores-da-borracha. Primeiro tratavam da
12 viagem para São Francisco e depois para o Brasil, através de rotas missionárias.
13 Marianne e Elfrieda frequentaram curso especiais, aos fins-de-semana, para aprenderem
14 sobre agricultura. A minha mãe e as irmãs começaram a juntar as coisas em cima da
15 cama, preparando-se para fazer as malas e iam lendo livros sobre a floresta tropical.
16 Sabiam que lá fazia muito calor portanto compraram chapéus de palha e leques.
17 Também havia muitos insectos por isso aprenderam a fumar para os manter afastados.

18 – Agora podemos tratar dos cachimbos? – perguntava constantemente Lisalotte.

19 Mas antes de mais nada tinham de sentar-se ao piano e aprender as árias de
20 Schubert. No Brasil, havia de ser tão importante continuar a cantar as músicas alemãs e
21 contar histórias alemãs como fumar cachimbo e afastar insectos. E talvez a música até
22 ajudasse a recuperar os bons tempos. Talvez, na Alemanha, ainda não fosse demasiado
23 tarde para a música ajudar as pessoas a conquistarem os homens do punho cerrado.
24 Cantavam até uma ou duas músicas populares, músicas de dança que toda a gente
25 assobiava e cantava, na praça Buttermarkt.

26 Cantaram e riram até ficarem com os olhos rasos de lágrimas e já não saberem
27 se estavam a rir ou a chorar. Depois, por fim, foram buscar os cachimbos, encheram-nos
28 com tabaco que tiraram de uma bolsa de *tweed*. Foram buscar o isqueiro com as iniciais
29 FK que Franz Kaiser usava para os charutos. Tudo coisas que ali estavam do tempo em
30 que ele convidava os homens da cidade lá para casa, para fumarem até já mal se ver o
31 papel de parede. Agora era a vez das meninas. Acendiam os cachimbos e passavam-nos
32 à volta. Todas tinham de treinar como fumar, como tossir e como cuspir e como segurar

1 o cachimbo no canto da boca. A sala ficou cheia de fumo e foi como se o pai tivesse
2 voltado.

3 – Finalmente, o quarto volta a cheirar a homem – disse a minha mãe. E
4 desataram a rir e a tossir tanto que mal conseguiam falar. Até estarem prontas para
5 partir, todas as noites, treinaram o cantar e o fumar. Mas Berta, a mãe da minha mãe,
6 ficou doente. Não conseguia viver sem Franz Kaiser, nem na Alemanha nem no Brasil.
7 Morreu e houve outro grande funeral com muita gente lá fora na praça Buttermarkt, à
8 espera que o caixão saísse de casa. Assim, a minha mãe e as irmãs tiveram de ir viver
9 com o *Onkel* Gerd e com a *Ta* Maria. Acabou-se o fumar cachimbo e a conversa sobre o
10 Brasil porque o *Onkel* Gerd era o presidente da câmara e disse que até terem dezoito
11 anos, nenhuma havia de emigrar. Disse que teriam saudades de casa. Podiam fazer bolos
12 alemães e cantar músicas alemãs mas iriam sentir falta do seu próprio país. Não disse
13 que não tinham autorização. Em vez disso reuniu-as na sala de estar e colocou-lhes
14 assim a questão:

15 – Que fariam se estivessem no meu lugar? Se de repente tivessem cinco lindas
16 filhas, mandavam-nas para o Brasil para serem devoradas pelos insectos?

17 Depois disso o *Onkel* Gerd teve muitos problemas por não querer aderir ao
18 partido Nazi. Ele disse que na Alemanha já não havia lugar para as pessoas da palavra.
19 Disse que as pessoas do punho cerrado tinham roubado todas as palavras da igreja, das
20 músicas antigas, dos livros e dos filmes. Eles entraram à força no cinema e trouxeram o
21 drama todo para as ruas. Estavam todos entusiasmados com novas cores e com as novas
22 palavras. Mas quem não pertencesse aos do punho cerrado tinha de aprender o silêncio.
23 O *Onkel* Gerd dizia que só na privacidade da própria casa é que se podia falar. Lá
24 dentro, podíamos dizer piadas mas elas tinham de ficar por ali porque lá fora, já não era
25 seguro falar. Havia piadas que já não se podiam dizer na praça Buttermarkt porque os
26 do punho cerrado tinham tomado conta da Alemanha. A mãe diz que se houvesse mais
27 pessoas como o *Onkel* Gerd, muitas coisas nunca teriam acontecido.

28 Certo dia o pai veio à casa da porta amarela e levou-nos para casa, de autocarro.
29 Sorria e disse que nunca mais teríamos de comer leite-creme. Sei que a Alemanha é um
30 lugar onde há muitos bolos e muitas coisas boas que não encontramos na Irlanda porque
31 a mãe regressou com quatro grandes malas, cheias de chocolates, brinquedos e roupas.
32 Também havia jogos novos como aquele em que atiramos uns pauzinhos coloridos para
33 o chão e fica uma grande confusão e depois temos de os tirar, um a um. A mãe parecia

1 nova porque tinha roupas novas. Estava sempre a rir e também estava a usar um
2 perfume novo. Trouxe um prato e um castiçal em estanho que tinha ficado esquecido
3 em casa dos pais. Tinha fotografias da casa e disse que um dia iríamos lá. O pai e a mãe
4 beberam vinho e ouvia-se fantástica música alemã por toda a casa e talvez lá fora, até ao
5 fundo da rua.

6 Às vezes, a mãe de repente vira-se para nós e abraça-nos de tal maneira que fico
7 com o rosto esborrachado contra o Franz e a Maria. Outras vezes apetece-lhe dar uma
8 dentadinha no braço da Maria, uma dentadinha pequenina. De vez em quando ainda tem
9 lágrimas nos olhos, ora por estar muito feliz, ora por estar ainda triste pelo *Onkel Gerd*.
10 Ele era um bom homem que falava pouco, só mesmo quando tinha alguma coisa para
11 dizer. Foi o maior funeral que alguma vez vii em Kempen porque ele tinha sido
12 presidente da câmara e não se tinha aliado aos do punho cerrado. Não tinha medo de
13 resistir. A mãe pendurou uma fotografia dele na sala de estar para que o víssemos e
14 fôssemos como ele

15 Ela também trouxe uma máquina de escrever e uns dias mais tarde, abriu-a e
16 deixou-me escrever o meu nome. Johannes. As letras voaram até à folha. *Tectectec*.
17 *Tectectec*. De vez em quando, duas letras ficam encravadas a meio do caminho e a mãe
18 diz que temos de ser mais cuidadosos, só uma de cada vez. Segura-me o dedo e ajuda-
19 me a escolher a letra. Carrego na tecla e a letra salta tão depressa que mal se vê. Bate
20 contra a folha como numa magia. Quero escrever «Johannes é o melhor rapaz do
21 mundo», mas ia demorar muito. Então pergunto se, em vez disso, posso escrever
22 «Joahnnes é o rapaz mais atrevido do mundo», e a minha mãe desata a rir muito alto.
23 Diz que sou, ao mesmo tempo, o melhor e o mais atrevido porque sou quem leva mais
24 palmadas do pai e, para compensar, mais abraços da mãe. O Franz quer escrever que
25 nunca há-de emigrar nem há-de voltar para a casa amarela, mas já é tarde e temos de ir
26 para a cama.

27 À noite, escuto a minha mãe, lá em baixo, na cozinha, com a máquina de
28 escrever. Está a teclar sozinha enquanto o meu pai está a ler na sala de estar. As letras
29 voam e atingem a folha, mais depressa do que demora dizê-las. A mãe tecla e tecla
30 porque há uma história que ela não conta a ninguém, nem mesmo ao meu pai. Ela diz
31 que não podemos ter medo do silêncio. E as histórias que é preciso escrever são
32 diferentes das histórias que se contam em voz alta, porque são mais difíceis de explicar

1 e é preciso esperar pelo momento certo. A única coisa que podemos fazer é passá-las
2 para o papel, para as lermos mais tarde.

3 Escreve: «Para os meus filhos, um dia, quando tiverem idade suficiente, irão
4 compreender o que me aconteceu, como é que fiquei presa na Alemanha sem conseguir
5 valer-me. Quero falar-vos da época em que tinha medo, em que ficava no quarto e não
6 podia gritar para pedir ajuda e ouvia os passos de um homem chamado Stiegler a subir a
7 escada.»

15 *Nove*

17 No primeiro dia de escola, dei uma estalada na cara da professora. Sabia que ia
18 haver problema. Achei que o *Onkel* Ted tinha de ir fazer-me o sinal da cruz, mas
19 quando a mãe me foi buscar, não disse uma palavra, só sorriu. A professora disse que
20 nunca nenhum aluno lhe tinha batido e que eu era o rapaz mais atrevido que alguma vez
21 tinha conhecido. A mãe estava tão orgulhosa de mim que sorriu e ajoelhou-se para me
22 olhar nos olhos durante muito tempo. Lá fora, contou às outras mães que eu tinha dado
23 uma estalada na professora e elas abanaram as cabeças. No autocarro, o revisor ergueu
24 os olhos e disse que eu havia de ir longe. A mãe até contou ao maneta da loja da
25 horta-lança.

26 – Ele vai-te dar problemas – diziam todos, mas a mãe abanava a cabeça:

27 – Não – respondia. – Ele vai ser como o tio dele o *Onkel* Gerd.

28 O nome da professora é Bean Uí Chadhain e o nome da escola *Scoil Lorcáin*.
29 Temos de descer uns degraus para ir para a sala, as outras crianças fazem muito barulho
30 e sente-se um cheiro doce como o de uma mala da escola onde ficou esquecida uma
31 sandes de banana. Há caixas com brinquedos para brincarmos, mas muitos estão
32 estragados e os carros têm pedaços de plasticina colados às rodas. Na parede, há um
33 mapa-mundo e aprendemos a cantar e a ir à casa de banho em irlandês, à *leithreas*.

1 Depois entramos noutra fila para irmos para o recreio onde as meninas mais velhas
2 andam a correr e a gritar e do outro lado da parede os rapazes andam a correr e a lutar.
3 Depois é a vez de cantarmos uma canção sobre a raposinha vermelha. Quem se porta
4 bem recebe um *milséan*, um doce, e quem for atrevido tem de ficar de pé em cima da
5 mesa para todos o verem.

6 «*Maidirín a rua, 'ta dana*», cantamos em conjunto. A raposinha vermelha é
7 atrevida. Só que atrevida não quer apenas dizer atrevida, também quer dizer engraçada,
8 descarada, corajosa e sem medo das pessoas. Cantamos a raposinha vermelha que não
9 tem medo de ninguém. Mas nisto Bean Uí Chadhain pegou em mim, pôs-me em cima
10 da mesa e disse que eu não ia receber um doce.

11 - Atrevido, atrevido, atrevido – disse ela. *Dána, dána, dána*.

12 Por isso eu dei-lhe uma estalada e a minha mãe ficou orgulhosa de mim. Está tão
13 contente que me põe a mão no ombro e conta o que fiz a toda a gente na Irlanda.
14 Abanam as cabeças mas deviam estar a acenar. No domingo, quando chega o *Onkel*
15 Ted, ele acena a cabeça devagar, mas às vezes não sabemos o que está certo nem o que
16 está errado porque ele acena devagar mesmo quando lhe contamos as coisas más que
17 aconteceram. Ele diz que há coisas que só se conseguem fazer uma vez na vida e que a
18 maioria das pessoas não faz nunca. O pai diz que Bean Uí Chadhain é a mulher do
19 famoso escritor irlandês Máirtín Ó Cádhaím que escreveu um livro sobre conversas de
20 mortos. É sobre um cemitério em Connemara onde todos os mortos conversam uns
21 com os outros e cada um que morre traz novas histórias do mundo dos vivos acima da
22 terra. Diz o pai que dei uma estalada na mulher do escritor e que também está orgulhoso
23 porque o livro está escrito em irlandês. E os mortos são os que têm as melhores
24 conversas. Há muitas pessoas que só falam mesmo depois de mortas, porque só então é
25 que podem dizer uns aos outros, no cemitério, tudo aquilo que durante toda a vida
26 mantiveram em segredo.

27 A mãe diz que não podemos ter medo de ninguém. Que não podemos deixar que
28 ninguém nos diminua porque isso foi o que tentaram fazer com o *Onkel* Gerd. Teve de
29 ficar calado sem dizer nada enquanto foi vivo mas agora, na campa, ele fala. Está a falar
30 com os pais da minha mãe em Kempen, a dizer-lhes que a minha mãe afinal não foi para
31 o Brasil e que em vez disso foi viver para a Irlanda. Agora estão numa grande conversa
32 acerca das coisas de outros tempos, aquelas piadas que o Franz Kaiser fazia e porque é
33 que já ninguém tinha sentido de humor, a não ser aqueles que já estavam na campa e

1 não tinham nada a perder. Agora o *Onkel* Gerd diz a toda a gente, lá em baixo, que o
2 Hitler morreu. Lá em baixo corriam histórias sobre a guerra, quando os aviões estavam
3 todos a regressar à Inglaterra e de manhã, muito cedo, quando toda a gente estava na fila
4 do pão, lançaram bombas em Kempen, sobre a padaria. Lá em baixo corriam histórias
5 sobre as pessoas que morreram em toda a Europa quando ninguém conseguiu impedir
6 os do punho cerrado de tomarem conta de tudo.

7 A mãe diz que não se pode impedir as pessoas de conversarem nas campas. E
8 que é impossível mantê-las caladas obrigando-as a ficar em casa, nem trancando-as,
9 nem impedindo-as de escrever nos jornais. É por isso que nunca devemos ter medo de
10 falar. O pai diz que todos os que morreram na Irlanda, durante a fome, ainda falam.
11 Suspiram com os lábios secos e olham fixamente uns para os outros com olhares vazios.
12 Diz que é impossível andar seja por onde for na Irlanda sem os ouvir. Diz que nos
13 campos em redor do oeste do condado de Cork nunca há silêncio, nem mesmo por um
14 segundo. Diz que muitas das pessoas que nasceram depois da fome não podiam falar
15 porque tinham perdido a língua deles e por isso é que falam em inglês e têm de ouvir
16 bem as palavras para terem a certeza do que dizem. Mas agora, que voltamos a falar
17 irlandês, vai tudo ficar como deve ser.

18 A mãe diz que é melhor estar morto do que não poder falar. Foi o que tentaram
19 fazer ao *Onkel* Gerd . Ele era o *Bürgermeister*, o presidente da câmara, e todos os dias
20 lhe vinham pedir para fazer coisas que ele não queria. A *Ta* Maria era a irmã de Berta, a
21 mãe da minha mãe, e tratavam-na por *Frau Bürgermeister*, senhora Presidente. Foi
22 então que, de repente ficaram com cinco filhas para cuidar e mandar todos os dias, de
23 comboio, para a escola no convento de Mühlhausen. Por isso, quando as pessoas iam lá
24 a casa e lhe diziam que o presidente da câmara devia pertencer ao partido Nazi, ele dizia
25 sempre que não, com a cabeça, e respondia que era pai de cinco filhas. Eram muito
26 simpáticos e gentis e, ao atravessarem a praça do Buttermarkt, também falavam com a
27 *Ta* Maria, na esperança de que ela o fizesse mudar de ideias. Gostavam do *Onkel* Gerd e
28 diziam que era um bom presidente, por isso não queriam que o diminuíssem como
29 fizeram com o outro homem, o Lamprecht, que teve de ser levado para um campo em
30 Dachau porque continuou a escrever para o jornal. Diziam que esperavam que o mesmo
31 não acontecesse a um homem com cinco filhas tão bonitas.

32 A mãe diz que todas as noites o *Onkel* Gerd se sentava em silêncio porque às
33 vezes não era fácil saber o que está certo ou que está errado. A minha mãe e as irmãs

1 continuaram a ir para a escola e todos os domingos iam ao cemitério visitar o pai e a
2 mãe. Na praça Buttermarkt passavam pela casa antiga mas nunca entravam porque
3 agora moravam lá outras pessoas. A cidade tinha mudado. Eram todos pobres e não
4 fazia mal andar a pedir ou ter uma perna a menos. Pessoas que nunca antes tinham
5 pensado em pedir, apareciam lá em casa pedindo ajuda. E então houve eleições e o
6 partido Nazi prometeu que na Alemanha não voltaria a haver pedintes. À noite, dizia-se
7 que havia grupos de pessoas reunidos à volta de fogueiras fora da cidade. As pessoas
8 não sabiam se era emocionante ou se era assustador, ou se era as duas coisas, porque no
9 dia das eleições a cidade estava cheia de carros e de gente a beber cerveja nas suas
10 melhores roupas e quando o *Onkel Gerd* foi votar houve problemas.

11 A mãe diz que eram muito matreiros. Queriam saber de que lado estava o *Onkel*
12 Gerd, por isso deram-lhe um boletim de voto com uma marca especial. Ele olhou para
13 os nomes dos partidos e para os quadrados ao lado, para marcar o X. O partido Nazi em
14 cima, e todos os outros como o SPD e o partido do Centro, em baixo. Quando pegou no
15 boletim de voto contra a luz, viu num canto uma pequena marca de água que não devia
16 estar ali. Percebeu que mais tarde poderiam verificar onde é que ele tinha posto o X.

17 – O voto ainda é secreto – disse o *Onkel Gerd*, devolvendo o boletim.

18 Estava toda a gente com os olhos nele e fez-se silêncio na entrada. Ele sabia que
19 ia haver problema por ter perguntado o que é que aquela marca de água estava a fazer
20 no boletim de voto, mas o funcionário limitou-se a sorrir e disse-lhe que estava a dar
21 muita importância ao assunto. Disseram que em qualquer dos casos, se ele tinha a
22 consciência tranquila e não tinha nada a esconder, a marca de água não o devia
23 incomodar pois toda a gente estava também a votar no partido Nazi.

24 – Então é o voto secreto? – exigiu o tio. Se iam todos votar no partido Nazi, era
25 melhor que o fizessem por escolha própria. Recusou-se a sair. Sabia que só assim podia
26 ser honesto, sem escolher a saída mais fácil, como toda a gente. Não disse que era a
27 favor nem contra ninguém. Limitou-se a ficar ali enquanto os funcionários murmuravam
28 entre si e pensavam no que fazer. Até que finalmente lhe deram um boletim limpo, pois
29 já não conseguiam olhar para a cara dele e não queriam o presidente da câmara, ali na
30 secção de voto, de braços cruzados o dia todo para toda a gente ver.

31 A mãe diz que é importante marcar posição. O *Onkel Gerd* ganhou a discussão
32 na secção de voto, mas voltou para casa sabendo que estava tudo perdido. Em poucos
33 dias soube-se de outras cidades da Renânia cujos presidentes não se aperceberam da

1 marca de água no boletim de voto e não tiveram tanta sorte. No dia seguinte foram
2 imediatamente demitidos das suas funções e substituídos por outros que estavam ao
3 lado do partido Nazi. A mãe diz que muitos deles foram espancados. Os do punho
4 cerrado foram às casas deles e alguns ficaram doentes durante muito tempo, sem
5 conseguirem ouvir como deve ser ou com problemas nos rins e nunca mais voltaram a
6 trabalhar.

7 O *Onkel* Gerd continuou como presidente da câmara, porque ninguém ficou a
8 saber onde tinha posto o X. Mas também não durou muito porque todos os dias iam ao
9 gabinete para lhe pedirem que fizesse coisas que ele não queria. E um dia, quando de
10 repente se tornou ilegal ser presidente da câmara sem pertencer ao partido Nazi, o tio
11 teve de sair. Deram-lhe uma última oportunidade mas ele continuava a abanar a cabeça.
12 Havia outro homem à espera para assumir o lugar assim que o *Onkel* Gerd deixasse a
13 secretária livre. Houve alguns apertos de mão e algumas cortesias mas tudo acabou bem
14 depressa e nesse dia foi difícil regressar a casa. Foi difícil cruzar-se com as pessoas na
15 rua porque todos sabiam que ele já não era nada. E foi ainda mais difícil explicar tudo à
16 *Ta* Maria e às cinco filhas. Quando se reuniram na sala, ela trazia o avental levantado
17 até aos olhos. Ele ficou ali e disse que, apesar de já não ser presidente da câmara e de
18 agora não saber de onde havia de vir o dinheiro, continuaria a fazer tudo para cuidar
19 delas. Tinha sido diminuído mas não ia desapontá-las. Na rua, algumas das mulheres
20 ainda tratavam a *Ta* Maria por *Frau Bürgermeister* mas era o hábito e não tinha
21 importância nenhuma. Quem não estivesse do lado dos Nazis, não tinha mais nada a
22 dizer.

23 Depois disso, o tio Gerd passava muito tempo em casa, sentado, sem dizer uma
24 palavra. De vez em quando, à noitinha, tocava o alaúde e outras vezes acendia um
25 charuto e deixava o fumo encher a sala até que ninguém o conseguisse ver mais e
26 parecesse que tinha desaparecido. Parecia que o presidente da câmara se tinha
27 evaporado completamente porque era o que os Nazis queriam, e mesmo quando ele saía
28 para um passeio ou para ir à missa ou à biblioteca, ninguém o via. Passava a maior parte
29 do tempo em casa a ler, porque eram poucas as pessoas com quem podia falar e ler era a
30 melhor conversa que se podia ter. Sem segredos escondidos. Era tão boa como qualquer
31 conversa que se pudesse ter no cemitério.

32 Sou o rapaz que deu uma estalada na cara da professora. Sou o rapaz que não
33 tem medo de nada, diz a mãe. Um dia não me foi buscar. Corri até ao portão da escola e

1 ela não estava lá. Estava atrasada porque o motorista do autocarro não a viu apesar de
2 ela estar com a mão estendida. A mãe diz que na Irlanda os motoristas dos autocarros
3 são cegos porque não sabem o que é ser um passageiro. Por isso não veio buscar-me e
4 tive de correr, à chuva, até chegar a casa. Quando cheguei, ela estava à porta, à espera.
5 Tirou-me os sapatos e encheu-os de papel de jornal. Colocou-os ao lado da caldeira e
6 começou a esfregar-me a cabeça com uma toalha e a rir-se porque o meu cabelo estava
7 todo em pé como um ouriço-cacheiro. Depois eram horas de ir fazer um bolo. Fiquei
8 com ela na cozinha tentando ensinar-lhe irlandês. Com um braço ela segurava a tigela e
9 com a outra batia. Via-lhe a boca enquanto repetia a palavra irlandesa para leite. Mas
10 estava tudo mal. Os lábios da mãe ainda tentavam falar alemão e teve graça ouvi-la
11 dizer aquilo como se não soubesse o que é leite. Tentei outras palavras em irlandês para
12 água, pão, manteiga, mas ela também não sabia o que eram. De cada vez que tentava
13 dizer como deve ser tinha de sorrir e desistir porque sabia que o irlandês era a minha
14 língua.

15 – *Ceol* – disse eu. – Música.

16 – *Ceol* – repetia a mãe, mas continuava a não estar bem.

17 Ajoelhou-se e voltou a olhar-me nos olhos. Levantou as mãos, com os dedos
18 cheios de massa de bolo, como se estivesse a contar até dez. Olhou muito bem para o
19 movimento dos meus lábios mas não conseguia ver a diferença. Depois continuou a
20 fazer o bolo, tentando dizer a palavra sozinha.

21 – *Ceol, ceol, ceol.*

22 A mãe achava graça ser eu a ensiná-la a falar. Agora era eu o professor e ela era
23 a aluna, aprendendo as palavras e aprendendo a crescer. Às vezes, à noite, depois do
24 jantar, a mãe voltava à escola, de autocarro, para aprender irlandês e nós tínhamos de a
25 ajudar com os trabalhos de casa. Mas a mãe não consegue ser irlandesa. É muito difícil.

26 Foi então que eu inventei uma regra acerca de falar irlandês na cozinha. Tracei
27 uma linha e disse que todo aquele que a atravessasse a fronteira para o meu território
28 não estava autorizado a falar alemão, só irlandês. Se a mãe, o Franz ou a Maria
29 quisessem entrar, tinham de parar e dizer primeiro alguma coisa em irlandês. E se
30 falassem alemão, expulsava-os. Até mesmo a minha mãe tem de mudar para irlandês se
31 quer entrar no meu país. Mas a mãe ri-se. Diz que não vai haver bolo com cobertura de
32 chocolate se eu a obrigar a parar. Acha que eu não posso inventar regras assim na
33 cozinha. É o tipo de coisas que fazem os Nazis. Continuo a afirmar que ninguém pode

1 quebrar as minhas regras e ela continua a rir-se de mim. Diz que vai atravessar e vai
2 fazer-me cócegas. Põe o bolo no forno e repete a palavra irlandesa para música. E
3 apesar de não a dizer bem, mesmo dizendo-a com lábios alemães, não consigo impedi-la
4 de atravessar a linha, não consigo impedi-la de rir nem de me fazer cócegas até mais
5 não poder.

6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20 *Dez*
21

22 Antes de mais nada é preciso misturar a manteiga com o açúcar. A mãe diz que
23 tem de ser com força, porque depois tudo deve ser feito com muita delicadeza pois
24 ninguém quer fazer um bolo que seja infeliz. Se o bolo for feito com fúria não vai saber
25 a nada. É preciso tratar os ingredientes com respeito e carinho. Rindo às gargalhadas, a
26 mãe explica que se levanta o preparado fazendo deslizar lá para dentro os ovos já
27 batidos, tal e qual como se faz deslizar uma carta de amor para dentro de um envelope.
28 Envolve-se a farinha com gestos leves, como beijos, e mexe-se sempre para o mesmo
29 lado, caso contrário vai saber a dúvida. E quando se deita o preparado na forma, coloca-
30 se um pedaço de papel castanho a toda a volta e outro pedaço por cima para criar uma
31 cúpula e não ficar queimado. Assim que a carta é metida no correio e o bolo no forno, é
32 preciso ficar muito sossegado e esperar. Não se anda pela casa aos gritos nem se bate

1 com as portas. Não se discute nem se diz mal de ninguém. Perto da cozinha, murmura-
2 se, acena-se e anda-se em bicos de pés.

3 A mãe gosta de ouvir rádio. Gosta da canção «As rosas são vermelhas, meu
4 amor, as violetas são azuis» mas ela não tem licença para cantar e só pode ouvir a rádio
5 quando o pai está a trabalhar. Quando chega, ele muda para as notícias. Acende-se uma
6 luz e vêem-se os nomes de várias cidades como Budapeste e Praga, mas o rádio demora
7 um bocadinho a aquecer e a deixar sair as vozes. Depois das notícias, o rádio só deve
8 falar em irlandês. A voz do homem diz que se cantarmos uma canção, que a cantemos
9 em irlandês, e o meu pai acena a cabeça. Se toca uma canção popular inglesa, ele, num
10 repente, empurra a cadeira para trás e o chão range quando ele se apressa a desligar. A
11 voz não demora nada a sair, desaparece logo. Mas mesmo naqueles poucos segundos
12 que o pai demora a desligar, ainda dá para ouvir até *Sugar is sweet my love...* e já
13 escapou o suficiente da canção para que as palavras fiquem a flutuar na copa, onde
14 tomamos o pequeno-almoço. Estamos todos sentados à volta da mesa em silêncio mas
15 ainda assim, conseguimos ouvir nas paredes, o eco da canção. Fica colada ao tecto.
16 Presa dentro da nossa cabeça. E mais tarde, na cozinha, apesar de não ter licença para
17 cantar, a mãe não consegue deixar de cantarolar sozinha só para ela.

18 Diz a mãe que na Alemanha havia boa música, na rádio. Havia cantores
19 fantásticos como Richard Tauber e, com sorte, havia boas histórias e teatro radiofónico.
20 Mas não tardou muito, passou a haver discursos. O *Onkel* Gerd dizia que as pessoas
21 pensavam que Goebbels e Hitler sofriam de raiva por estarem sempre tão furiosos. Ele
22 dizia que ter o rádio ligado era como deixar entrar em casa alguém que pensávamos ser
23 de confiança, alguém que fingia ser nosso amigo e depois começava a dizer-nos coisas
24 ao ouvido. E uma vez convidado para o café da tarde e para e um bolo, é mais difícil
25 discutir. Às vezes o *Onkel* Gerd respondia ao rádio, de pé no meio da sala, de dedo
26 apontado, mas não valia de nada porque o rádio nunca ouve. A *Ta* Maria dizia que era
27 possível reconhecer uma pessoa respeitável pelo calçado e pelas mãos, mas o *Onkel*
28 Gerd dizia que o rádio ficava ali na sala, todo respeitável e cortês e quase sem nos
29 apercebermos dávamos por nós a concordar com as mais vergonhosas intrigas e
30 ressentimentos. O rádio fazia-nos sentir que pertencíamos a um grande país. Fazia com
31 que sentíssemos, ao mesmo tempo, segurança, dor e orgulho. Algumas pessoas não
32 tinham qualquer espécie de amigos nem tinham vontade própria, tinham apenas a rádio

1 e a voz de Hitler espumando pela boca. O rádio era um velhaco que nunca ouvia, um
2 velhaco com boas mãos, bom calçado e boa música.

3 - Não podemos desligar os acontecimentos – dizia a *Ta* Maria.

4 Mas o *Onkel* Gerd preferia o silêncio. Às vezes juntavam-se e, em segredo,
5 ouviam jazz, transmitido a partir de Londres, como faz a mãe quando o pai está a
6 trabalhar. Mas isso também é perigoso. Lá em casa é perigoso cantar ou dizer o que se
7 pensa. É preciso ter cuidado, ou o meu pai levanta-se e desliga-nos, como faz com o
8 rádio.

9 Em Kempen, ao homem da rádio bastava entrar pela porta da frente e fazer-se
10 convidado para um café e um bolo. Recebiam-no de braços abertos. Às vezes punham a
11 melhor toalha de linho e acendiam uma vela. Alguns até se aperaltavam para ouvir
12 rádio. Se fosse um concerto de Strauss, aplaudiam em conjunto com o público da sala
13 de concertos em Viena, tal e qual como se estivessem lá. Acreditavam no que ouviam. E
14 mal dessem por isso estavam a aplaudir também o final de um discurso, quase sem
15 darem por isso, pois não faziam ideia de quem tinham deixado entrar em casa. Naquela
16 época, chamavam «casa castanha» à câmara municipal na praça Buttermarkt, porque
17 estava cheia de homens de uniforme castanho. Lamprecht, o homem do jornal, tinha
18 sido levado para o campo de concentração em Dachau, onde não podia dizer nem mais
19 uma palavra e era isso que ia acontecer ao *Onkel* Gerd se abrisse a boca. Tinham-no
20 desligado. Não tinha rosto, nem cabelo nem olhos. Ninguém o via nem mesmo quando,
21 ao domingo de manhã, passava para a missa. E um dia criaram uma lei declarando que
22 os judeus também não tinham rosto nem nome. Toda a gente devia fazer de conta que os
23 judeus também tinham desaparecido. Quando vinham para a praça do mercado,
24 ninguém podia comprar-lhes os *pickles* de pepino nem sequer podiam dar-lhes os bons
25 dias. Continuavam a andar pelas ruas mas ninguém os podia ver. Era fácil, porque uma
26 vez que o presidente da câmara e o homem do jornal podiam desaparecer, qualquer um
27 podia.

28 – *Unverschämt*⁴ – dizia a *Ta* Maria. Era uma lei a que ninguém conseguia
29 obedecer. O *Onkel* Gerd dizia que era uma lei anti-alemã e que não ia durar muito. Ele
30 dizia que haviam de continuar a saudar como sempre os judeus na rua. Fosse qual fosse
31 a lei que criassem na casa castanha, eles continuariam a reconhecer os rostos e os nomes
32 judeus. Mas já não tinha importância porque era como ter pessoas sem rosto a

⁴ Vergonhoso (NT)

1 cumprimentar outras pessoas sem rosto. Mais pareciam ser como os do cemitério, a
2 falarem uns com os outros. Na casa castanha ninguém queria saber se o *Onkel* Gerd
3 cumprimentava ou não os judeus, porque de qualquer maneira, ele também não existia.
4 Queriam saber era da minha mãe e das irmãs. Não queriam que desaparecessem, por
5 isso criaram outra lei que as obrigou a aderir à *Bund deutscher Mädels* - a Liga das
6 Meninas Alemãs. Era outra lei a que não podiam obedecer. Por isso ignoraram-na e
7 continuaram a assistir às reuniões da juventude católica, até aparecerem lá em casa
8 umas pessoas a fazer perguntas. Em Kempen e nos arredores, cerca de trezentas jovens
9 tinham aderido todas, sem questionar, às fileiras do *BDM*, por que não as meninas
10 Kaiser?

11 A *Ta* Maria tinha ouvido umas coisas no café Kranz na rua Burgring. Todas as
12 tardes ia lá para tomar café porque era o lugar onde se ouvia o que se dizia pela cidade,
13 o que se murmurava, aquilo que não se podia ouvir na rádio. Todos diziam que, para já,
14 o melhor era colaborar, até ver. De qualquer maneira não era assim tão sério porque até
15 se brincava e, em segredo, dava-se outros nomes engraçados ao *BDM*. Em vez de Liga
16 das Meninas Alemãs, toda a gente lhe chamava agora *Bund deutscher Matratzen*- Liga
17 dos Colchões Alemães. A mãe diz que o pai dela havia de ter achado graça.

18 O *Onkel* Gerd chamou-as à sala e pediu-lhes que se sentassem. Esperou algum
19 tempo, em silêncio, escolhendo as palavras, antes de olhar à volta, devagar, para cada
20 uma delas e dizer-lhes que tinham de ser elas a decidir. Esteve sempre calmo. Não
21 confiava nas coisas que se diziam com emoção, como faziam no rádio. Em vez disso,
22 falou devagar e com frases claras, respirando em silêncio e quase sem mexer a cabeça,
23 como um pai. Disse que ele podia sacrificar-se mas não ia impor-lhes o mesmo. Disse-
24 lhes que tinham instinto e inteligência própria e se iam aderir às reuniões do *BDM*, por
25 imposição da lei, talvez houvesse outra saída. Às vezes é melhor dar a volta às coisas
26 em bicos de pés, para evitar sarilhos.

27 – A negativa silenciosa – disse. – Usem a negativa silenciosa.

28 No domingo, o largo Buttermarkt estava cheio de cor. Havia bandeiras por todo
29 o lado, voando por cima das árvores e penduradas nas janelas, à volta do largo. Também
30 havia umas colunas, com asas de águia. Toda a manhã houve altifalantes transmitindo
31 discursos e marchas militares e, do lado de fora da casa castanha, montaram um enorme
32 retrato do Führer. A mãe conta que olhou para cima e viu uma bandeira vermelha com a
33 cruz suástica num círculo branco, pendurada da janela onde a mãe dela tocava piano, e

1 onde o pai dela se tinha despedido olhando-se num espelho. Ela diz que, às vezes, é
2 preciso morder os lábios para não nos deixarmos magoar

3 O *Onkel* Gerd disse que era só uma questão de tempo até alguém se armar em
4 Deus. Os encontros do *BDM* tinham sido programados para coincidir com a missa,
5 assim as raparigas em Kempen deixavam de ir à igreja para pertencerem antes ao estado,
6 como numa grande família. A mãe insistiu em levantar-se para ir mais cedo à missa.
7 Ouvia os altifalantes no largo, como se pretendessem afogar as orações, lá dentro. E
8 quando mais tarde, chegou ao largo com o missal debaixo do braço, a chefe do *BDM* já
9 estava a espumar pela boca. Dizia às raparigas de Kempen que não iam voltar a precisar
10 da missa nem de missais, nem de velas ou de véus, nem de procissões do Corpo de
11 Deus, porque a partir de agora iam dedicar-se ao Führer. Um dia, os homens de
12 castanho forçaram a entrada no convento escola em Mühlhausen, destruindo tudo e
13 pintando suásticas nas paredes das salas de aula. E passado pouco tempo, fecharam
14 completamente o convento, por isso as freiras também tiveram de desaparecer.

15 As folhas de um missal não são como as de outro livro qualquer, são finas e
16 macias, fáceis de dobrar e fáceis de virar sem que se faça o mais pequeno ruído na
17 igreja. Mas conta a mãe que lá fora, na grande reunião do *BDM*, no largo, faziam tanto
18 barulho que era impossível ignorá-los. Todas as raparigas tinham de erguer o braço
19 direito numa saudação. Por isso, quando a mãe ergueu o braço, o missal caiu na calçada
20 com um ruído seco. Abriu-se e a brisa desfolhou as páginas num sussurro que se pôde
21 ouvir pelo largo todo, talvez até por toda a cidade. A mãe baixou-se e apanhou-o. Tirou
22 o pó da capa e finalmente levantou o braço em direcção ao retrato do Führer por cima
23 da *Rathaus*⁵. De repente o largo inteiro ficou tombado num ângulo único, como uma
24 pintura inclinada, assim tonto como quando nos dobramos para espreitar por baixo das
25 pernas e olhamos para qualquer coisa. Tinha chegado o momento de obedecer, o
26 momento de fazer um juramento de fidelidade ao Führer, o momento da negativa
27 silenciosa.

28 – Juro solenemente que, enquanto viver, NÃO servirei o Führer.

29 Depois, foi um domingo com outro qualquer. Sem contar com as bandeiras e
30 com os altifalantes deixados no largo do Buttermarkt, estava tudo normal. As lojas
31 estavam fechadas, mas podia comprar-se bolo e podia ver-se as pessoas que saíam do
32 café Kranz com os maravilhosos embrulhos em papel colorido, mantendo-os direitos

⁵ Edifício da Câmara Municipal

1 enquanto caminhavam. Como em outro domingo qualquer, as pessoas iam ao cemitério
2 levar flores para pôr nas campas. E depois chegava o momento de prepararem para
3 receberem as visitas da tarde.

4 É preciso abrir as portas para ter a certeza que o cheiro da sopa não fica no
5 corredor até as visitas chegarem. A mãe diz que um nariz sensível detecta o cheiro de
6 gordura à distância. Então é preciso que o aroma do bolo sobressaia. Ela diz que em
7 qualquer altura se pode cometer um pecado mortal por uma boa chávena de café, e ri às
8 gargalhadas porque era o que a *Ta* Maria dizia sempre. O aroma do café e do bolo são
9 como umas boas-vindas calorosas, são como um abraço. A visita vai querer ir logo
10 aconchegar-se com o bolo. E quando se serve, devem cortar-se as fatias sem tocar no
11 bolo. Tem de se servir com o mesmo carinho que entrou no bolo quando esteve a fazer-
12 se, usa-se a espátula de prata que está na família há gerações. O bolo tem de aparecer no
13 prato como se nunca tivesse sido tocado por mãos humanas.

14 No domingo à tarde fomos dar um passeio. Tivemos de vestir os casacos e
15 calçar as luvas porque lá fora estava frio e vento. O pai cruzou o cachecol sobre o peito
16 e nós fizemos o mesmo. As luvas da Maria estavam presas por um elástico às mangas
17 do casaco para não se perderem. Passámos pela estação onde todos os dias o pai apanha
18 o comboio. Chegámos a um sítio onde podíamos chutar as folhas castanhas fazendo-as
19 assobiar. Às vezes as calças roçavam-me na parte de dentro da perna e doía-me. E, às
20 vezes, quando dobrávamos a esquina, o vento era tão forte que deixávamos de poder
21 respirar ou de falar. Tínhamos de o empurrar com toda a força até desatarmos a rir.

22 Depois fomos à loja e todos tínhamos uns trocos. O Franz quis uma barra de
23 caramelo e eu quis uma embalagem de *sherbet*⁶ granulado que traz dentro um chupa-
24 chupa. Esperámos na rua enquanto o pai e mãe ficaram lá dentro tentando ajudar a
25 Maria a decidir-se. Encostados à loja, estavam uns rapazes que começaram a chamar-
26 nos Nazis. Nas paredes, Havia muitas coisas dessas, escritas com tinta, inclusive uma
27 grande cruz suástica em vermelho. Continuaram a chamar-nos Nazis até que a mãe saiu
28 e ouviu-os.

29 - *Heil Hitler!* – gritaram.

30 Não podiam dizer aquelas coisas e olhei para a minha mãe para ver o que ia
31 fazer. Repetiram e voltaram a repetir, e riam tão alto que era impossível não ouvir. A
32 mãe ainda parou e olhou para eles durante um bocado. Mas não disse nada. Eu sabia que

⁶ Granulado doce e estaladiço com sabor a fruta (NT)

1 ela estava a morder o lábio. Vi-lhe nos olhos como estava triste com o que estava a
2 acontecer, mas não havia nada que ela pudesse fazer.

3 – Vamos, vamos em frente! – disse. Não esperou que o pai e a Maria saíssem, só
4 nos passou para o outro lado e continuou a andar. Podíamos ouvi-los atrás de nós a rir e
5 a bater com os saltos no chão. Eu tinha a certeza que o meu pai havia de fazer alguma
6 coisa, mas ele também não disse nada e afastámo-nos depressa até à beira-mar.

7 Sentíamos o cheiro do mar e ouvíamos-lo porque estava muito agitado. As ondas
8 desfaziam-se contra os rochedos, todas brancas e castanhas. As gaivotas pairavam no ar,
9 sobre as nuvens, e nós estávamos ali, em fila, agarrados às grades cheias de marcas
10 castanhas de ferrugem a aparecerem na tinta azul. O cão também lá estava, o cão sem
11 dono que ladra ao mar até ficar rouco e não poder falar mais. Por detrás das grades,
12 podíamos olhar as ondas nos olhos, quando se aproximavam, e a mãe disse:

13 – Que Deus ajude todos os que estão no mar. – As ondas eram tão fortes que,
14 quando se atiravam contra as rochas, faziam a espuma erguer-se como uma árvore
15 branca. Pedacos de algas negras eram atirados para o ar sem dó nem piedade. Tivemos
16 de nos afastar para não nos molharmos. Apenas uns pequenos salpicos de espuma nos
17 atingiram no rosto e fizeram com que sentíssemos o sal. Respondemos às ondas
18 gritando, mas com o vento, era difícil falar. O pai disse que vinha aí uma grande, mas o
19 barulho era tanto que, de qualquer maneira, não se conseguia ouvir nada, era como se o
20 mar falasse tão alto, que só se ouvia o silêncio. A mãe não dizia nada, só olhava para
21 longe, para as ondas. Ondas cada vez maiores, sempre contra as rochas e ressaltando
22 mesmo ali à nossa frente.

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33

Onze

Gosto de dar a resposta errada. O pai senta-se do lado de lá da mesa e diz que vai esperar que eu lhe dê a resposta certa, mesmo que demore o dia todo.

– Cinco mais seis são...?

Antes, o pai era professor por isso sabe o que está a fazer. Conta que ele e o irmão Ted ganharam ambos uma bolsa e agora quer que eu seja o melhor aluno na tabuada em toda a Irlanda. Nas lentes dos óculos dele consigo ver-me em duplicado, sentado, de braços cruzados. O pai espera e volta a esperar enquanto eu dou voltas à cabeça e digo a mim próprio que NÃO lhe hei-de dar a resposta certa. Sei qual é mas franzo o sobrolho, viro os olhos para o tecto e até levo a mão ao queixo, porque assim é como se estivesse a pensar.

1 – Nove – respondo.
2 – Errado – diz. – Pensa melhor.
3 Temos todo o tempo do mundo. O pai lembra que é sábado à tarde e que há
4 outras coisas que podíamos estar a fazer. Podia estar sentado na sala lendo um dos seis
5 livros sobre a História da Alemanha, sobre a guerra civil espanhola, sobre as vidas dos
6 santos, sobre as ilhas Blasket, sobre marcenaria ou sobre apicultura. Eu podia estar lá
7 fora a correr no jardim. O Franz está a minha espera para irmos jogar futebol. Mas
8 vamos ficar aqui sentados na copa, todo o dia e toda a noite, se for preciso. Por isso,
9 volto a tentar, olho de esguelha, franzo o sobrolho e murmuro baixinho, só para mim,
10 vamos lá a ver, cinco mais seis são...? Tendo dado todas as respostas erradas que
11 existem, agora só falta dar a resposta certa.
12 Olho para a orelha doente do meu pai, que está toda achatada, vermelha e
13 deformada. Quando lhe perguntei o que aconteceu, respondeu-me que o professor do
14 colégio interno lhe tinha batido com uma régua de aço. A Maria disse que ia rezar para a
15 orelha ficar melhor, mas o pai franziu o sobrolho, pestanejou e disse que não nos queria
16 a olhar-lhe para a orelha nem queria que falássemos disso. A mãe contou-nos mais tarde
17 que ele não tinha pai e que no colégio interno a orelha tinha começado a sangrar e
18 perdera toda a sensibilidade porque ele estava cheio de saudades e queria a mãe. É
19 difícil não olhar para a orelha sem pensar na régua de aço a descer sobre ela como uma
20 espada. Fico a pensar se estas coisas não acontecessem. Imagino-me a impedi-lo com o
21 braço. Imagino-me enfrentado o professor com uma grande vassoura. Imagino-me a
22 pegar na orelha e a moldá-la outra vez em forma de orelha como se fosse plasticina.
23 – Concentra-te!
24 De repente, bate com a mão na mesa e eu até dou um salto. Depois a minha mãe
25 entra porque não quer que isto continue. Diz que está na hora de ceder e assim poderei ir
26 embora. Lá fora, ouço o som do Mr. Richardson a martelar qualquer coisa e o eco que
27 regressa atravessando os jardins. Consigo ouvir o cortador de relva da *Miss Tarleton* e
28 sei que quase não tem relva, mas ela corta-a mesmo assim. Depois ouço dois disparos
29 do barco salva-vidas, um e depois outro, separados por um longo intervalo, e ouço a
30 mãe a dizer:
31 – Problemas no mar.

1 Escuto a porta de trás dos Corbetts que a fechar como um espirro. E de novo o
2 silêncio. Estão todos à espera da resposta certa. A mãe acena a cabeça. O pai olha
3 fixamente. E o Franz de pé, à porta, com a bola de futebol.

4 – Nada.

5 É a única resposta que me lembro de ainda não ter dado, além da resposta certa.
6 Mas depois é que foi mesmo um sarilho e um silêncio a sério. Quem passasse pela nossa
7 casa não ouviria nada, só a respiração. Agora eu via os olhos do pai atrás das lentes e a
8 orelha tão vermelha e tão quente que mais parecia um pedaço de carvão fora da caldeira.
9 Empurrou a cadeira para trás fazendo-a uivar ao arrastar no chão e mandou-me esperar
10 enquanto foi à estufa procurar uma vara das boas que desta vez não partisse.

11 A mãe abanou a cabeça pois não estava nas suas mãos. Repetiu algumas vezes
12 que quem não quer ouvir tem de sentir, porque é o que se diz na Alemanha. Percebi que
13 lamentava que tudo aquilo estivesse a acontecer mas não podia fazer nada para o
14 impedir. Levou o Franz e a Maria com ela e fechou a porta. Também ouvi a porta do
15 meio a fechar, a que separa as traseiras da frente da casa. Ouvi-a a subir as escadas, cada
16 vez mais afastada, fechando ainda outra porta atrás de si até já não ouvir mais nada e
17 deixar de pensar no que ia acontecer. Desapareceram todos, até mesmo o som do
18 martelo lá fora, e eu só conseguia ouvir o zurzir da vara cortando o ar. O pai respirava
19 pesadamente enquanto pensava nas muitas coisas que o faziam zangar-se, coisas como a
20 vida dos santos, a criação das abelhas e a época em que estive na escola, em
21 Dunmanway, e não podia ir para casa, para ao pé da mãe dele. Pensava em todas as
22 coisas que não tinha conseguido fazer na vida e que portanto ia obrigar-me a fazer.
23 Disse que ia bater-me toda a noite e todo o dia, até eu dar a resposta certa.

24 – Onze! – gritei – onze, onze, onze.

25 Então parou e perguntou-me se eu estava bom outra vez:

26 – Sim – respondi.

27 – Responde!

28 – Já estou bom.

29 Ao jantar, ainda podia sentir os vergões vermelhos e quentes na parte de trás das
30 pernas. O Franz e a Maria queriam vê-los mas eu não quis que ninguém falasse de mim,
31 nem mesmo a mãe. O pai apertou-me a mão e disse que estava na hora de pôr tudo para
32 trás das costas. Estava na altura de sorrir e de voltarmos a ser amigos. Mas eu não

1 conseguia sorrir. Por isso ele segurou-me no queixo e com os dedos, empurrou-me os
2 lábios e tive de mostrar os dentes.

3 – Ninguém pode obrigar ninguém a sorrir – disse a mãe.

4 Ela tinha uma ideia melhor. Deu-me mais uma bolacha, uma a mais do que a
5 todos os outros. Depois começou a contar uma história sobre a época em que se casaram
6 e subiram duas montanhas, uma em cada país. Juntos, no comboio ao longo do Reno
7 viajaram numa carruagem com um rapazinho que espreitava pela janela e comia
8 bolachas que tirava de um pacote de papel pardo. Até chegar a Koblenz, ele ali esteve
9 sentado, comendo as bolachas, uma atrás da outra, sem uma palavra, como se nunca
10 mais na vida fosse voltar a ver bolachas, como se tivesse medo que a época sem
11 bolachas voltasse. Às vezes fechava o pacote e punha-o de lado, como que a dizer a si
12 próprio que não ia comer mais, mas não conseguia resistir e recomeçava uma e outra
13 vez até que se acabaram.

14 Depois disto estive doente durante muito tempo. Começou num dia em que
15 ajudámos a lavar as janelas, primeiro com sabão, depois com papel de jornal amarrotado
16 que faz um um guincho que, segundo diz a mãe, é igual ao que fazem os cães selvagens,
17 lá longe nas montanhas. As janelas ficaram tão limpas que parecia que estávamos do
18 lado de fora, sem vidro nenhum. Depois tornou-se difícil respirar porque o som dos cães
19 selvagens passou para o meu peito. Tive de ficar na cama a ouvi-los uivar dia e noite. A
20 mãe trouxe-me plasticina e carrinhos. Comprou-me um livro de colorir novo e lápis
21 novos, mas os meus dedos tinham pouca força e eu não conseguia desenhar. Trouxe-me
22 um tabuleiro mas eu nem conseguia comer as bolachas, por isso fez-me sentar e beber
23 um chá de limão:

24 – Ao menos um golo, para a tua mãe – dizia ela.

25 À noite, deixava a porta aberta e a luz das escadas acesa mas mesmo assim eu
26 tinha medo. A janela abanava e, no canto mais afastado do quarto, havia um grande
27 pedaço de papel de parede pendurado que parecia um homem de chapéu que vinha da
28 outra porta, andando de lado e atravessando a parede. A princípio ri-me e disse que era
29 apenas um pedaço de papel. Mas ele olhava para mim só com um olho e continuava a
30 avançar com o cotovelo em frente. Da rua vinha uma luz que iluminava o quarto e às
31 vezes o homem saltava directamente para dentro da luz e logo de seguida voltava para a
32 escuridão. Eu estava muito quente e ao mesmo tempo tremia. Encostei as costas à
33 parede e desatei a gritar-lhe para que parasse até que a mãe veio a correr e sentou-se na

1 cama. Disse que eu estava ensopado em suor e trouxe uma toalha seca para me limpar o
2 peito. Disse que eu estava com medo da minha própria imaginação. O pai subiu, e com
3 a janela, segurou o pedaço do papel que estava solto para que deixasse de abanar.
4 Acendeu a luz por uns segundos para me mostrar que não havia nenhum homem a
5 atravessar a parede depois sorriu e deu-me um beijo na cabeça. Escutou os uivos no meu
6 peito e disse que já não parecia tão mau. Depois voltou a descer e a mãe ficou sentada
7 na cama a contar-me histórias.

8 – Não quero ser um Nazi – disse-lhe.

9 – Mas, não és um Nazi – respondeu.

10 Sorriu, aconchegou-me os cobertores junto ao pescoço, de maneira a ficar
11 apenas com a cabeça de fora. Conteí-lhe o que os rapazes lá fora diziam de nós.

12 – Não quero que me chamem Nazi – disse eu.

13 – Ignora-os – respondeu. Olhou para mim e disse que os verdadeiros Nazis eram
14 eles. Disse-me que não devia deixar que isso me preocupasse muito porque
15 normalmente as pessoas que têm coisas a esconder é que chamam Nazis aos outros:

16 – Querem que todos acreditem que eles são inocentes. Assim, sempre que
17 podem chamam Nazis aos outros. É assim em todo o mundo.

18 Acariciou-me a testa. Disse que os rapazes lá fora da loja tinham dito não era
19 importante aquilo. Eu próprio saberia se fosse um Nazi. Talvez se possa esconder isso
20 dos outros apontando o dedo noutra direcção, mas de nós próprios não conseguimos
21 esconder esse tipo de coisas. O que importa é aquilo que pensamos.

22 – Mas isso não os faz parar de o dizer.

23 – Não se pode – disse ela. – Não se pode andar por aí a anunciar pelo mundo o
24 que não somos, seria ridículo. Não te posso mandar por aí, até à loja, com um cartaz ao
25 pescoço dizendo «Não sou um Nazi»:

26 Estava na altura de pensar em coisas boas. Depressa ia voltar a ficar bom, e ia
27 correr sem cães a uivar-me no peito. E o pai tinha um plano novo, disse a mãe, um
28 plano para ganharmos dinheiro e podermos arrancar o papel de parede. Ela disse que às
29 vezes é muito difícil, mas o pai sabe o que é bom para a Irlanda. Ele não se quer zangar,
30 mas tem tanta coisa em que pensar, e faz o melhor que pode. E no dia seguinte lá foi
31 começar um negócio novo que nos ia tornar ricos para podermos arrancar o papel de
32 parede. Comprou uma secretária para a sala. Pôs-lhe em cima, o telefone e um
33 candeeiro de secretária, para poder sentar-se ali e ter o seu próprio escritório. Comprou

1 também muito material de escritório e deu um nome ao negócio. Chamou-lhe Kaiser e
2 Companhia porque era o nome da minha mãe e porque a família dela tinha mantido um
3 negócio em Kempen durante muito tempo antes de terem falido. Comprou uma máquina
4 que carimbava o nome no papel para que não tivesse de estar sempre a escrevê-lo.
5 Depois do negócio estabelecido, sentou-se à secretária à espera de chamadas
6 telefónicas, avisando que devia haver menos barulho em casa porque precisava de tentar
7 adivinhar o que é que, para já, fazia mais falta aos irlandeses.

8 A mãe disse que eu estava a melhorar. Deixou-me ir lá abaixo à sala para ver o
9 escritório novo. O pai tinha saído para comprar selos e eu deitei-me no sofá com todas
10 as almofadas e cobertores enquanto a mãe se sentou à secretária com o seu diário,
11 escrevendo tudo aquilo que acontecia na nossa família. Colava lá tudo, por exemplo
12 fotografias, madeixas de cabelo e bilhetes do jardim zoológico. Escrevia muitas
13 histórias, como a de eu não dar a resposta certa ou de o Franz ir todas as noites para a
14 cama deixando as peúgas dele dispostas em forma de crucifixo. Também contava o que
15 se passava no mundo lá fora, como, por exemplo, a fotografia do jornal com os tanques
16 na Hungria e a fotografia do irlandês Ronnie Delaney, de joelhos a agradecer a Deus por
17 ter vencido a corrida nos jogos olímpicos em Melbourne, na Austrália. Depois foi para a
18 cozinha e foi a nossa vez de brincarmos aos escritórios. A Maria começou a desenhar na
19 parede e o Franz encontrou um fósforo.

20 – Acende-o – disse-lhe eu. – Mas nem precisava de ter dito porque o próprio
21 fósforo o dizia, com a cabecita vermelha a pedir para ser acesa. O Franz esfregou-o na
22 parede e cintilou de imediato. Soprou-o imediatamente, mas o pai deve ter ouvido. O
23 ouvido bom conseguia ouvir coisas a milhares de quilómetros. Perguntou se tínhamos
24 acendido um fósforo. Chamou a mãe porque ela tem bom nariz e juntos conseguiram
25 confirmar. A mãe disse que é por isso que as pessoas se casam, porque um tem bom
26 ouvido e outro tem bom nariz, e com alguma sorte nós teríamos ambos, o que iria
27 ajudar-nos a não fazermos nada na vida de que nos pudéssemos arrepender mais tarde.

28 Às vezes a mãe, a falar, era capaz de contornar o problema. Dizia ela que às
29 vezes não conseguimos impedir que as coisas aconteçam por isso é melhor contorná-las
30 na ponta dos pés. Mesmo que houvesse um problema sério e o meu pai ficasse muito
31 mais zangado do que alguma vez ficara, ela seria capaz de encontrar uma saída. O pai
32 provou que tínhamos acendido um fósforo mas tinha mais com que se zangar. Viu o que

1 a Maria tinha feito. Com um lápis, ela tinha feito uns riscos a toda à volta da parede da
2 sala.

3 – Olha para aquilo – disse a mãe, e o meu pai franzia a testa com toda a força.
4 Mas então ela teve uma ideia para o impedir de se zangar. Bateu palmas, disse que
5 aquele era o desenho mais bonito que alguma vez tinha visto e que tinha de lhe tirar
6 uma fotografia para pôr no diário. Era um desenho da mãe com os braços estendidos a
7 toda à volta das quatro paredes, abraçando tudo o que entrasse na sala. E de qualquer
8 maneira, dizia ela, na nossa casa não ia haver mais zangas porque tínhamos um grande
9 plano para a firma Kaiser e Companhia. O pai tinha pensado numa coisa que fazia muita
10 falta aos irlandeses. Iam importar crucifixos de um lugar muito famoso na Alemanha,
11 crucifixos esculpidos à mão, vindos de Oberammergau.

12 Eu continuava doente. Os uivos dos cães voltaram e também começou a
13 acontecer qualquer coisa a uma das minhas pernas. Começou a inchar, a inchar, até ficar
14 com o dobro do tamanho da outra. O *Onkel* Ted veio fazer-me o sinal da cruz e o Dr.
15 Sheenan também veio porque eu ainda era um Nazi e sabia-o. Chamou-me jovem e
16 disse que desta vez era sério. A perna parecia que ia explodir. Veio uma ambulância
17 porque eu tinha de ir para o hospital. Não podia andar por isso os homens subiram e
18 embrulharam-me num cobertor vermelho, depois carregaram-me lá para baixo, a seguir
19 pelo corredor e saíram pela porta passando pelas pessoas que estavam na rua junto ao
20 portão. A minha mãe estava a chorar e os vizinhos disseram que, se Deus quisesse, eu ia
21 ficar bom depressa. Todos os dias e todas as noites eles iam todos rezar por mim.

22 Na ambulância, não podia ver por onde ia, por isso tentei acompanhar as ruas
23 mentalmente, contornando cada esquina, passando a igreja e passando o parque. Mas
24 depois perdi-me, fiquei cego com os olhos bem abertos e soube que iam levar-me de
25 novo para um país diferente onde só falavam inglês. Senti o cheiro do hospital e os
26 médicos e as enfermeiras estavam à minha volta, a olhar para baixo. Auscultaram-me o
27 peito e ouviram o uivo dos cães. Olharam para a minha perna e mediram-na. Todos os
28 dias vinham médicos novos examiná-la e espetar-lhe agulhas. Alguns diziam que era
29 um mistério. Fazia com que coçassem as cabeças porque nunca se vira nada assim
30 daquilo nos livros de medicina e não sabiam como fazer-me melhorar. Então um dia o
31 uivo parou. O inchaço da perna começou a desaparecer e a minha mãe veio visitar-me,
32 trouxe-me um carrinho novo para brincar e disse que estava a ficar melhor. A
33 enfermeira mostrou-me as medidas no gráfico. Os médicos estavam surpreendidos e

1 disseram que se conseguissem encontrar uma explicação, a minha perna ia ser famosa e
2 ia ficar na história. A enfermeira disse que eu já era famoso porque era um rapaz
3 germano-irlandês e todos me conheciam. À noite supliquei-lhe que me deixasse ir para
4 casa. Sorriu, afagou-me a cabeça e disse que eu ainda tinha de ficar no hospital até os
5 médicos dizerem que estava tudo normal.

6 – Já estou bom – disse eu.

7 – Já estás melhor, queres tu dizer – disse ela.

8 – Sim, estou melhor – respondi – estou bem melhor.

9 – Claro que sim, querido – disse ela.

10 Mas mesmo assim não podia deixar-me ir até que os médicos autorizassem.
11 Tinham ido todos embora e o hospital estava em silêncio. As luzes estavam todas
12 desligadas menos a luz pequena à porta. A enfermeira andava a arrumar tudo quase sem
13 falar. E ela tinha uns sapatos brancos que faziam um rangido leve no chão.

14 – Não sou um Nazi – disse eu.

15 Então ela olhou para mim e sorriu.

16 – Não sou alemão – disse eu – garanto.

17 – Eu sei, querido. Acredito.

1
2 Devia ser mais fácil vender um crucifixo Na Irlanda. A mãe fecha a porta e fica
3 na entrada, de casaco vestido, a olhar para imagem da Virgem Maria. Levanta os braços
4 e diz que não entende. Esteve em todas as igrejas, em todos os conventos e em todos os
5 hospitais de Dublin. Fomos com ela, de autocarro e um padre deu um doce a cada um e
6 uma almofada de cetim. Sorriu e esteve quase a dizer que sim à cruz, mas no último
7 minuto, abanou a cabeça. Diz a mãe que as cruzes são lindas, esculpidas à mão, em
8 madeira de carvalho de Oberammergau e ninguém as quer. Quando se pensa em toda a
9 gente que na Irlanda reza pelo menos duas vezes por dia, e no que ainda têm por que
10 rezar, até custa a crer.

11 – Com certeza há-de haver alguém que precisa de um crucifixo – diz a mãe.

12 Foi com essa a ideia que o pai começou o negócio, vender algo que fizesse
13 mesmo falta aos irlandeses, algo em que se acredite. Nós acreditamos em cruzes, por
14 isso é que todas as noites nos ajoelhamos e rezamos para que Deus esteja connosco
15 como parceiro no negócio. Mas no fim, ninguém as quer e a mãe senta-se na cozinha, de
16 casaco vestido, abanando a cabeça de um lado para o outro e a expirar devagarinho
17 como se quisesse ser a melhor a não inspirar até ser mesmo preciso. Diz que talvez
18 sejam demasiado caras. Que talvez já seja demasiado tarde e a Irlanda já tenha cruzes a
19 mais. Ou talvez sejam as cruzes erradas e os irlandeses só gostem daquelas em que
20 Jesus tem sangue nas mãos e nos pés, uma grande ferida do lado e um pergaminho lá
21 em cima onde se lê INRI.

22 Às vezes ela não percebe a Irlanda, porque as pessoas gostam de coisas
23 estranhas como bolos cor-de-rosa, gelados macios, sal e vinagre. Gastam o dinheiro
24 todo nos fatos para a comunhão. Não gostam de servir os outros e também não gostam
25 de ficar na fila, pois quando o autocarro chega esquecem todas as regras e desatam a
26 correr para a porta. Na Irlanda os motoristas de autocarro são cegos e os lojistas não
27 querem vender. O homem do talho deixa o cigarro na boca enquanto corta a carne e
28 ninguém sabe usar palavra não. Na Irlanda acenam a cabeça quando querem dizer não e
29 abanam a cabeça quando estão de acordo. A mãe diz que é como nos filmes, quando
30 alguém olha para cima com um ar preocupado dizendo uma coisa, isso significa que o
31 que vai acontecer é precisamente o contrário. Quando alguém diz que ninguém vai sair
32 com vida e que vão todos morrer, de repente, no último minuto, aparece alguém para os

1 salvar. E quando na paragem todos começam a dizer que os autocarros deixaram de
2 circular, chega um e desatam todos a correr para entrarem.

3 Às vezes os irlandeses também não percebem a minha mãe. Quando está a tentar
4 ajudar, acham que está a interferir e a meter-se onde não é chamada. Quando tenta dizer
5 às outras mães que os filhos comem demasiados doces ou que atravessam a estrada sem
6 olhar, elas respondem que não precisam que venha uma alemã qualquer dizer o que é
7 que os filhos devem fazer. Um dia, estava uma mulher à porta da loja com um carrinho
8 de bebé com umas grandes rodas. De lado tinha escrito *Pedigree* e a mulher estava toda
9 orgulhosa porque era um carro novo. A mãe admirou o carro mas avisou-a para ter
10 cuidado não fosse cair com o bebé lá dentro. Então a mulher chamou-lhe Nazi e
11 mandou-a cuidar da própria vida.

12 Às vezes ninguém sabe o que é que a minha mãe está a tentar dizer. Também
13 ninguém faz ideia onde fica Oberammergau. Ela diz-lhes que é um lugar na Baviera
14 onde, de dez em dez anos, se celebra a crucificação, quase como se faz em Croagh
15 Patrick. Acenam e parecem muito interessados, então porque é que não comprem as
16 cruzes sem o sangue, só com os pregos, deixando o resto entregue à imaginação.

17 – São os sapatos – disse a mãe, finalmente.

18 Ninguém nos compra nada se não estivermos minimamente apresentáveis. A
19 mãe diz que se conhece o carácter de uma pessoa pelas mãos e pelos sapatos, porque era
20 o que costumava dizer a *Ta* Maria. Apesar de o *Onkel* Ted sempre ter dito o contrário,
21 que o que temos na mente é que faz de nós malandros ou santos. Mas quando estamos a
22 tentar vender algo, diz a minha mãe que não importa se somos malandros ou santos
23 porque os outros só olham para o que trazemos vestido. Ela diz que temos de ser
24 honestos mas não podemos deixar que percebam que lá em casa o papel de parede está
25 solto.

26 Então vamos até à cidade para a mãe comprar uns sapatos como deve ser. Eu
27 giro à volta da paragem e trepo o mais alto que consigo, até chegar o autocarro.
28 Discutimos por causa do lugar à janela e por causa de quem é que fica com o bilhete até
29 que a mãe diz que já chega, que o que importa não é ganhar. No autocarro, todos se
30 voltam para olhar para nós porque voltamos a ser alemães. Depois temos de nos portar
31 com juízo, temos de nos sentar sossegados e temos de nos benzer sempre que passamos
32 por uma igreja para provar que os alemães são pessoas dignas e que não fizemos nada

1 de errado. Eu faço de conta de sou irlandês e olho para o edifício IMCO que passa como
2 se fosse um navio branco.

3 O pai diz que os irlandeses não podem viver para sempre da imaginação. Agora
4 precisam de dinheiro nos bolsos. Está na altura de trabalhar com força para podermos
5 ser livres e para que ninguém volte a passar fome nem volte a ser pobre como eram
6 todos a oeste de Cork. Ele não quer que a cantiga sobre a emigração continue para
7 sempre, está na altura de falar irlandês e fazer da Irlanda um lugar melhor para viver.
8 Conta-nos como é que a mãe dele, Mary Frances, gastou todo o dinheiro que tinha para
9 o mandar para a universidade em Dublin enquanto ela jejuava sem ter praticamente
10 nada com que viver. Conta-nos exactamente quanto tinha para gastar, por semana, em
11 comida e alojamento e como lhe sobravam duas moedas, uma para a missa de domingo
12 e outra para uma lâmina de barbear. Mandava a roupa pelo correio para ser lavada em
13 casa e no Natal ia de bicicleta até Leap porque não tinha dinheiro para pagar o comboio
14 nem o autocarro. Não tinha condições para pedir emprestado a um banco e se não
15 fossem os Jesuítas, que lhe emprestaram dinheiro para o último ano, não estaria agora
16 aqui mas sim na América ou talvez no Canadá. Pagou o mais depressa possível, assim
17 que teve o primeiro emprego como engenheiro, em Dublin, fabricando fósforos na
18 empresa Maguire & Patterson⁷

19 Mesmo quando o meu pai começou a mandar dinheiro para casa, Mary Frances
20 não foi capaz de o gastar com ela porque os irlandeses ainda não sabiam como fazer
21 isso. Tudo o que queria na vida era ter a certeza de que os dois filhos se formavam, um
22 como engenheiro e o outro como jesuíta. E o dia mais feliz da vida dela foi quando o
23 meu pai regressou com umas iniciais depois do nome. Melhor ainda, os jesuítas
24 autorizaram o *Onkel* Ted a ir a casa por um dia, para a ver pela primeira vez em sete
25 anos. Então, durante algumas horas, no mínimo, ela sentou-se a olhar para os dois filhos
26 juntos na cozinha, até que o *Onkel* Ted teve de voltar a partir, de manhã muito cedo,
27 para regressar ao seminário em Bog of Allen.

28 O pai dele morreu em Cork e a princípio, a marinha recusou-se a pagar-lhes uma
29 pensão. A mãe dele gastou todo o dinheiro que tinha para conseguir que o corpo viesse
30 para casa para ser enterrado no cemitério da montanha por cima de Glandore. Depois
31 disso deixou de poder pagar a renda e o senhorio queria pô-la fora. A esquadra da

⁷ Fábrica de fósforos que iniciou actividade em Dublin em 1888 tendo encerrado na mesma cidade em 1989

1 polícia local recebeu uma carta dizendo-lhes que «procedessem de imediato ao
2 despejo», então ela foi até à igreja e disse ao padre que se ia meter na cama. Ela não era
3 política e algumas pessoas não se importavam nada com quem, de uma maneira ou de
4 outra, estivesse no governo porque para elas não fazia diferença nenhuma. Alguns
5 irlandeses também não tinham tempo para as armas, só para a educação. Mas todos
6 detestavam os senhorios. Por isso pegou nos dois filhos, levou-os para cima e meteram-
7 se na cama. Disse que se a iam despejar, então teriam de arrancá-los da cama.

8 Também não era a primeira vez que uma coisa daquelas acontecia na Irlanda. O
9 tio dela foi posto fora e a casa foi queimada porque ele se recusou a continuar a pagar
10 renda ao senhorio. Depois disso não teve para onde ir e se não fossem as pessoas dali
11 construírem-lhe uma casinha para ele ficar, tinha-se transformado num viajante sem um
12 lugar para assentar, como todos os deslocados, depois da fome. O pai diz que nós
13 também teríamos sido nómadas, mudando de um lugar para outro, toda a vida, batendo
14 às portas para vendermos tapetes, é por isso que ele lhes dá dinheiro quando andam de
15 porta em porta e dizem:

16 – Que Deus o abençoe.

17 No fim o tio dela acabou por ir para a América mas antes de deixar a Irlanda fez
18 um grande discurso para a Liga Agrária⁸ num palanque em Skibbereen⁹. Levantou-se e
19 disse que tinha chegado a altura de varrer os senhorios da face da terra. Depois, ao
20 balançar o braço direito sobre a multidão, bateu na cabeça do padre que estava atrás dele
21 e fez toda a gente rir, mesmo depois de ele já se ter ido embora. O meu pai conta que
22 havia muita gente que a ser expulsa de casa até que Michael Collins os defendeu e deu
23 início à resistência.

24 Às vezes a mãe vai a casa das vizinhas para as reuniões da manhã. A Mrs.
25 Corcoran convida todas as amigas para umas sandes, uns bolos e mexeriquice. Acham
26 que a minha mãe é muito fina e antipática porque não tem mexericos e fala sempre com
27 sotaque alemão. A mãe diz que a Mrs. Corcoran também tem um sotaque engraçado
28 porque ela e as amigas falam inglês como mais ninguém na Irlanda. O pai diz que é por
29 causa da fome. Até mesmo as pessoas com dinheiro para esbanjar e com sotaque que
30 magoa a boca continuam com medo da fome. Falam assim porque têm medo que a
31 língua irlandesa regresse e desta vez mate toda a gente. Ele diz que os irlandeses bebem

⁸ *Land League*, em inglês. Organização criada em 1879 para defender os agricultores dos excessos dos senhorios. (NT)

⁹ Cidade da região oeste do condado de Cork. (NT)

1 demais e não querem falar irlandês porque tresanda a miséria e a gente morta estendida
2 e abandonada nos campos. É por isso que falam inglês fino e fingem que nada
3 aconteceu. O pai fala de navios caixão que iam para a América e a mãe fala de pessoas
4 que morriam em comboios que iam para a Polónia. O pai fala de despejos em Leap e a
5 mãe fala de despejos em Kempen. O pai conta que os nossos morreram de fome e a mãe
6 diz que aqueles que morreram às mãos dos Nazis também eram dos nossos. Todos
7 temos coisas que não conseguimos esquecer.

8 A mãe gosta dos irlandeses mas não quer ir mais às reuniões da manhã. Estão
9 sempre a falar de ir de férias e de coisas novas como carros e máquinas de lavar roupa.
10 A Mrs. Corcoran fala dos lugares onde esteve no verão, dos espectáculos e das
11 recordações que trouxe, como um boi negro que trouxe de Espanha e uma taça aos
12 ziguezagues que trouxe da Grécia. Desta vez, conta a mãe que ela esteve na África do
13 Sul e trouxe uma data de esculturas de madeira. Mas não foi só isso que trouxe porque
14 mesmo a meio da reunião a Mrs. Corcoran começou a dizer que os negros nunca serão
15 como os brancos. Nunca conseguirão alcançá-los por mais instruídos que sejam.

16 Na sapataria, sentámo-nos em fila e recebemos cada um uma tira de alçaçuz
17 enquanto a mãe demora muito tempo a experimentar sapatos. Bate com os saltos para
18 ouvir o som que fazem. Diz que na Irlanda é tão difícil comprar sapatos como vender
19 um crucifixo. Às vezes é preciso pedirmos às pessoas que nos vendam algo. A princípio
20 a empregada sorriu e disse que todos os pares de sapatos eram lindos. Ela pensava que
21 as pessoas alemãs tinham de experimentar todos os pares da loja antes de se decidirem.
22 A mãe começou a imaginar sapatos que nem existiam, sapatos vindos da Itália, óptimos
23 sapatos que ela uma vez tinha visto. A mãe e a empregada não se entendiam. No fim
24 acabou por escolher um par azul-escuro que combinava com o vestido azul de arabescos
25 brancos, uns sapatos que faziam os seus pés parecerem mais pequeninos. Deu mais
26 alguns passos no soalho, deu uma volta em frente ao espelho, depois voltou para trás e
27 pagou.

28 Agora a mãe pode vender qualquer coisa. O Franz trouxe a caixa com os sapatos
29 novos e, de mãos dadas como uma corrente, atravessamos a rua O'Connell. Às vezes,
30 olhando para a Coluna de Nelson, pensamos que as nuvens estão quietas e a cidade é
31 que se move correndo rápida para o mar. Fechando os olhos podemos ouvir o som dos

1 passos, dos carros e dos autocarros à nossa volta. As gaivotas também. Havia gaivotas
2 no telhado do GPO¹⁰ e havia gaivotas nos ombros de Daniel O’Connell.

3 O pai tirou meio-dia e veio ter connosco ao restaurante. Espreitou os sapatos da
4 mãe e disse que eram lindos. Disse que para nós aquele era um grande dia porque em
5 breve íamos começar um negócio e fazer um bom lucro. Havia um sorriso largo no rosto
6 dele. Tem muitos dentes muito direitos e quando começa a falar parece que está a fazer
7 um discurso. Começa a pestanejar e a falar depressa como se não conseguisse
8 acompanhar tudo aquilo que tem para dizer. A mãe diz que há muitos homens que
9 gostam de fazer piada de tudo e fazer rir as pessoas. Ela acha que rir é bom mas o pai
10 tem uma maneira diferente de fazer as coisas. Ele também sabe rir até ficar com
11 lágrimas nos olhos. Mas depois volta sempre a ficar sério porque ele é um homem com
12 ideias. A mãe diz que ele é um homem que nunca viveria para si próprio, só para os
13 filhos e para o país. É por isso que franze a testa mesmo quando não está zangado,
14 porque está com pressa de fazer todas as coisas que ainda estão por acabar na Irlanda.

15 A mãe disse que cada um podia comer um bolo, mas não dos cor-de-rosa porque
16 têm muito açúcar e não sobra nada para a imaginação. O pai não quis bolo porque não
17 se comparavam aos da mãe. Disse que as pessoas ainda haviam de discutir umas com as
18 outras pelos bolos da mãe e também por tudo aquilo onde ela tocasse. Depois pegou-lhe
19 nas mãos e levantou-as para todos verem no restaurante. A mãe sorriu e ficou
20 envergonhada. Parecia que ele ia levantar-se e fazer um discurso sobre ela, para todo o
21 restaurante. Ela diz que às vezes podemos ser dominados pelo aroma do café. Os olhos
22 dele são meigos. Disse que aquelas são mãos preciosas. Disse que não importava termos
23 ficado com a casa cheia de cruzeiros de Oberammergau, esculpidas à mão, porque ainda
24 havia muitas ideias novas. Referiu outras coisas de que os irlandeses precisam. Como
25 chapéus-de-chuva, bases para árvores de natal e brinquedos alemães. Havíamos de
26 vender coisas que eram tão bem feitas e tão bonitas que as pessoas haviam de discutir
27 entre si para as comprarem. Mais tarde o pai comprou tacos de *hurling*¹¹ mas avisou que
28 os tirava de novo se os usássemos como espadas para lutarmos. Era de noite quando
29 voltamos para casa e o pai mostrou-nos, ao lado do prédio, um copo de uísque que
30 enchia sem parar, uma e outra vez. Também havia um maço de cigarros que estava
31 sempre a desaparecer e a voltar a acender, devagar, um bocado de cada vez. As gaivotas

¹⁰ Edifício Central dos Correios. (NT)

¹¹ Jogo nacional irlandês semelhante ao hóquei. (NT)

1 já lá não estavam, mas havia homens na rua que pareciam gaivotas ao gritar os títulos
2 dos jornais.

3 – *Herald-a-Press, Herald-a-Press!*

4 No comboio todos olhavam para nós porque éramos os alemães com tacos de
5 *hurling*. A mãe contou-nos uma história do *Rumpelstilskin* que deixou fugir um segredo
6 na floresta quando pensava que ninguém estava a ouvir. No comboio, estavam todos a
7 ouvi-la. Toda a gente se rendeu à história, apesar de ser em alemão. Um homem já
8 dormia e a Maria mal consegui manter os olhos abertos. No final da história a minha
9 mãe diz sempre a mesma coisa:

10 – E se ainda não está morto, então é porque ainda deve estar vivo.

11 Então eu penso nisso por um bocado e olho lá para fora para as luzes da cidade
12 movendo-se e piscando.

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5

Naquele verão, o jardim estava repleto de flores. Havia tanta fruta, tanta framboesa, groselha e ameixa, que a mãe voltou a fazer compota. Na estufa, o tomate era tanto que tivemos de dar aos vizinhos. Todos os dias havia flores na mesa, então o pai achou que devíamos fazer criação de abelhas. Começou a comprar livros sobre o assunto e disse que seria uma boa ideia colocar alguns cortiços no telhado da sala onde se tomava o pequeno-almoço, de onde elas voariam directamente para colher o néctar e polinizar as árvores de fruto.

Como sempre, lá em casa, continuavam proibidas as mesmas coisas. Na rádio, passava uma canção, dizendo, numa voz profunda, que temos todo o tempo do mundo. A mãe também gostava daquela canção, mas só quando o pai saía para ir trabalhar. A Ita tinha começado a dizer *good morning* a toda a gente que via na rua e, quando não havia mais ninguém, ela dizia-o aos candeeiros e aos portões. Passava o dia todo nisto, até voltar para a cozinha, onde dizia *good morning*, ao fogão e à máquina de lavar. O pai sempre disse que as regras existem para se obedecer, mesmo que a Ita fosse ainda um bebé. Portanto, houve sarilho, porque ela resolveu entrar em greve de fome e deixou de comer e de falar e o pai tinha de segurar-lhe a cabeça, com uma das mãos, para tentar forçá-la a abrir a boca, enquanto com a outra, empurrava a colher. A Ita estava sempre a abanar a cabeça e eu achava graça por ela estar a ganhar. Mas a mãe não quis que víssemos o que iria acontecer a seguir, então fechou as portas, levou-nos até lá fora e mandou-nos à loja comprar gelados, até que tudo acabasse e a Ita parasse de chorar.

O pai queixava-se que não entendia porque é que a vara tinha deixado de resultar. Ele estava a fazer o melhor que podia e era tudo para o nosso bem. Fez carrinhos, fez um baloiço em madeira, até estava a construir um verdadeiro teatro de fantoches, mas se continuássemos a infringir as regras, teria de arranjar formas mais dolorosas de nos castigar. Em algumas ocasiões tentei castigar a Maria e o Franz para ver como lhes doía. Então, o pai avisou-me que me faria, a dobrar, tudo aquilo que eu lhes fizesse, ao que respondi que voltaria a fazer-lhes, a triplicar até deixar de doer. Ele levou-me lá para cima e voltámos a ajoelhar-nos implorando à Nossa Senhora para que tudo aquilo fosse o mais acertado. Mas não funcionou e o pai teve uma ideia melhor,

- 1 algo que me humilharia. Confiscou os suspensórios dos meus calções alemães e eu tive
- 2 de ir ao barbeiro, cortar o cabelo, segurando-os com as mãos nos bolsos.

1 Na barbearia, sentámo-nos no banco de madeira a ler revistas aos quadradinhos.
2 A maior parte estava rasgada e a desmanchar-se mas era bom vê-las ali, mesmo as que
3 já lera. Não gostava tanto da revista *Hotspur*¹² como da revista *Dandy*, e também não
4 gostava nada quando se castigava alguém debruçando-o sobre os joelhos do professor.
5 Havia muitos outros rapazes à espera a ler revistas, mas nenhum reparou que eu estava
6 sem suspensórios e que não conseguia andar por ali sem ter as mãos nos bolsos. O
7 barbeiro estava sempre a fazer clicar a tesoura, mesmo quando não estava a cortar o
8 cabelo e havia um enorme monte dele, varrido para um dos cantos. Esperámos lendo
9 todas as revistas que conseguimos enquanto fingíamos ser irlandeses que falavam inglês
10 como qualquer outra pessoa, embora toda a gente visse que nós éramos de um país
11 diferente.

12 Quando saímos, tentei falar com o Franz em inglês mas ele tinha medo. O *Mr.*
13 *Connolly*, o barbeiro, dava sempre uma moeda a todos os rapazes para comprarem
14 caramelos. Porém, naquele dia, juntámos as nossas com outras que o Franz tinha
15 recebido da *Ta Lilly* e comprámos uma revista de quadradinhos, novinha em folha,
16 chamada *Beano*. Revezámo-nos a ler, e entretanto, conversávamos em irlandês. A mãe
17 achou bem que tivéssemos comprado algo que ia durar e não um daqueles doces que
18 pareciam cachimbos e que desapareciam num instante, sem que pensássemos mais
19 neles, mas se levássemos a revista para dentro de casa ia haver sarilho. Então fizemos
20 de conta que não era nossa, e escondemo-la na sebe do jardim da *Miss Hart*.

21 À noite, imaginei o *Mr. Connolly* continuando a clicar os dedos, enquanto
22 comia, sem qualquer tesoura na mão. Imaginei o cabelo todo misturado numa enorme
23 peruca, parecida com a crina de um búfalo. Imaginei o *Mr. McNally* lendo o jornal com
24 os óculos todos tortos, seguros apenas por uma haste, sobre a orelha direita, e imaginei
25 o *Mr. Smyth*, da loja da hortalça, a despir-se e a ir para a cama só com um braço. Lá em
26 baixo, o pai estava a construir o teatro de fantoches e a mãe a fazer-lhes as roupas e as
27 cortinas. Lá fora chovia e eu imaginei a *Beano* a molhar-se e as cores a dissolverem-se.

28 Foi então que a mãe disse que estávamos todos a começar a ficar patetas, porque
29 houve um dia em que disse à Maria para trepar o muro do jardim da frente, e mostrar o
30 rabo. Ela fê-lo porque acreditava em tudo o que eu dizia, mesmo que fossem coisas que
31 ela não queria fazer e mesmo sabendo que não estava certo. Prometi-lhe que depois
32 faria o mesmo mas ela tinha que ser a primeira por ser a mais nova e porque em nossa

¹² *Hotspur*, *Dandy* e *Beano* – Revistas inglesas de banda desenhada, muito populares na época. (NT)

1 casa tudo se fazia do mais novo para o mais velho. Então a Maria pôs-se de pé em cima
2 do muro e ria-se enquanto mostrava o rabo para toda a gente ver. Nisto, um dos
3 vizinhos veio dizer à mãe que não era nada bonito fazer aquilo à frente de irlandeses,
4 católicos ou protestantes. Por isso, todos tivemos que ficar em casa durante um dia
5 inteiro e a mãe disse que já andávamos há demasiado tempo a viver da nossa
6 imaginação e que precisávamos de amigos com quem brincar.

7 O pai só nos autorizava a brincar com crianças que falassem irlandês. Contactou
8 muitas pessoas e para começar brincámos com o Seán Harris, um rapaz de ali perto que
9 era filho do pintor e decorador, mas o irlandês deles não era suficientemente bom. Então
10 o pai levou-nos a dar uma volta no autocarro até Finglas e fomos brincar com um rapaz
11 chamado Naoise. De vez em quando o autocarro de Finglas trazia crianças do outro lado
12 da cidade e alguns rapazes mais velhos vinham brincar em alemão mas não diziam
13 grande coisa. Sentavam-se por ali a olhar para as nossas coisas sem sequer brincarem
14 com elas e só comiam os biscoitos da nossa mãe. Também vinham alguns da nossa
15 escola, mas até estes achavam que era parvoíce brincar em irlandês e nunca mais
16 voltavam, nem mesmo por causa dos biscoitos. Não conseguíamos brincar aos *cowboys*
17 em irlandês. Não nos conseguíamos esconder atrás de alguém, nem atar uma pessoa a
18 uma cadeira, em irlandês. Não tinha graça nenhuma morrer em irlandês. Era até uma
19 parvoíce pegada, escondermo-nos atrás de alguém e gritar «Uuuuggh» ou «hands up¹³»,
20 em irlandês, pois havia coisas que só se conseguiam em inglês, como lutar e matar
21 índios. O pai não tinha jeito para fazer amigos, por isso a mãe resolveu tomar conta do
22 assunto e sugeriu que nos juntássemos aos jovens acólitos. Mas eles só pensavam em
23 matar alemães, portanto ajudávamos à missa e voltávamos logo para casa.

24 Um dia eu estava no corredor da entrada a brincar com o guarda-chuva tentando
25 matar os casacos todos com um braço atrás das costas, e o Franz estava lá fora a brincar
26 com a trotineta. Ele ouvia os comboios a chegar à estação, enquanto esperava que o pai
27 regressasse a casa. Nisto, viu outros rapazes na rua a brincar com paus e espingardas.
28 Eles ignoraram-no e nem lhe chamaram nomes, por isso, apesar de não poder participar,
29 ficou a vê-los à distância com um pé na trotineta e outro no chão. Brincavam aos
30 cowboys, lutavam e matavam índios. O Franz fez de conta que a trotineta era um cavalo
31 e que tinha uma arma verdadeira no bolso de lado das calças, até ao momento em que o
32 pai dobrou a esquina a coxear e a balançar a pasta. Então, o Franz deu meia volta e

¹³ Mão ao ar em inglês (NT)

1 tentou voltar para casa com a trotineta, o mais depressa que pôde, mas já era tarde. Ouvi
2 a chave a rodar na fechadura e vi-o entrar em casa sem dizer uma palavra. Vi o pai
3 virar-se para trás e olhar para os rapazes lá fora, antes de fechar a porta e pousar a pasta.
4 A mãe veio dar-lhe um beijo mas isso não o impediu de avisar o Franz que tinha que ser
5 castigado por estar na rua a fingir que era como os outros:

6 – E porquê isso? – perguntou a mãe.

7 – Ele estava a ouvi-los, em inglês – respondeu o pai.

8 – Valha-me Deus – disse ela – não estarás a levar isto longe de mais?

9 O pai abanou a cabeça. Ela tentou de tudo para o impedir. Tentou distrai-lo lem-
10 brando-o da festa da Santa Brígida, que as cortinas para o teatro de fantoches já estavam
11 prontas e que tinha recebido uma carta da irmã dela, a Marianne. Tentou dizer que
12 devíamos telefonar ao *Onkel* Ted e ver o que este tinha para dizer. Mas como o pai
13 continuava a abanar a cabeça, ela abraçou o ombro do Franz numa tentativa de o
14 proteger:

15 – Com violência não – implorou – com violência não, por favor.

16 Então, o pai pegou antes na trotineta e levou-a lá para cima. O que significava
17 que no quarto deles passaria a haver duas trotinetas. A minha já lá estava há dias, por
18 causa de ter ficado a ouvir as canções da rádio.

19 – Estão dois cavalos a pastar lá em cima – disse a mãe depois.

20 Eu sabia que ela estava a brincar porque não havia outro remédio. Mas eu
21 também sabia que o assunto das trotinetas não ficava por ali e depois do jantar, quando
22 já estávamos na cama, a mãe tentou convencer o pai a pôr uma música e a beber um
23 conhaque. Conversaram durante muito tempo e ele disse que não se ia deixar enganar e
24 mudar de ideias pois isso seria o mesmo que retroceder e deixar que as línguas mais
25 fortes vencessem as mais fracas. Ela respondeu-lhe que castigar os inocentes e
26 confiscar-lhes o que lhes pertencia é que era retroceder. Depois riu-se e perguntou-lhe
27 como é que seria possível conseguir dormir com dois cavalos no quarto. Mas ele voltou
28 a zangar-se e ela pediu-lhe que subisse e nos mostrasse que na nossa família tudo
29 continuava positivo. Ela queria que ele subisse e fosse dar-nos um beijo na testa.

30 – Gosto muito de todos – disse e senti-lhe no hálito o cheiro do conhaque – não
31 há no mundo outras crianças como vocês.

32 E lá para o meio da noite a mãe levantou-se e, uma de cada vez, levou as
33 trotinetas lá para baixo, pois na manhã seguinte lá estavam elas à nossa espera no

1 corredor de entrada. Não queria dizer que o assunto estivesse arrumado, mas ao menos
2 voltávamos a ter os nossos cavalos e em breve começaríamos a ter aulas de natação.

3 Depois disto a mãe continuou a perguntar às pessoas, nas lojas, se conheciam
4 algumas crianças com quem pudéssemos brincar e um dia conheceu o Dr. Sheehan. Este
5 tinha um filho, o Noel que era ruivo e usava uns óculos com umas hastes que lhe davam
6 a volta às orelhas. Assim, ela levou-nos até à casa dele para brincarmos num jardim
7 enorme onde havia buldogues e macieiras e que ficava ao lado da igreja. Ele era nosso
8 amigo e a casa dele era o melhor sítio do mundo para se viver. Havia bicicletas e
9 podíamos andar ali pelo carreiro como numa pista. Dos selins conseguíamos chegar às
10 árvores e tirar maçãs, a toda a hora. Às vezes o sino da igreja tocava e não se conseguia
11 ouvir mais nada além dos cães a uivar. Uma vez o Franz descobriu uma torneira no
12 jardim e bebeu uns goles de água, mas depois ficou com bichas-loiras na boca e
13 pensámos que ia morrer. Outra vez encontrámos um ninho de vespas e começámos a
14 atirar-lhe com pedras até elas ficarem muito zangadas. Brincámos em inglês o dia todo
15 até que a mãe do Noel nos convidou para o chá. Ela tinha dificuldade em respirar e foi
16 muito devagar que nos disse que tinha telefonado à mãe. E o pai não tinha como
17 impedir. Mesmo no fim do dia quando já íamos de regresso a casa, o Franz e eu
18 continuámos a falar inglês até não podermos mais, até chegarmos ao último candeeiro.

19 Foi então que o pai quis saber se o Noel falava irlandês. Antes de poder vir
20 brincar para a nossa casa, ele ia ter de fazer um exame, lá na sala. No sábado seguinte o
21 pai fez-lhe uma quantidade de perguntas em irlandês, por exemplo como se chamava,
22 que idade tinha e em que trabalhava o pai. Ficámos de pé ali por perto desejando que o
23 Noel soubesse responder na esperança de lhe podermos sussurrar para o ajudarmos, mas
24 ele não sabia nada de irlandês. Só sorria e pestanejava por trás dos óculos, enquanto
25 repetia a única coisa que se lembrava de ter aprendido na escola:

26 – *Níl a fhios agam* – dizia ele – não sei.

27 Essa era a resposta mais velha da Irlanda e o pai começou a abanar a cabeça.
28 Insistia que aquilo não era suficiente. Mas a mãe teve uma ótima ideia:

29 – Ele quer aprender irlandês – disse ela – o Dr. Sheehan quer que ele aprenda. É
30 uma oportunidade única.

31 O pai parecia mesmo zangado mas a mãe insistiu dizendo que o Noel não era
32 ainda lá muito bom em irlandês, mas que depressa seria como um falante nativo, se
33 tivesse autorização para vir à nossa casa. E depois quem sabe, talvez a família dele se
34 tornasse uma verdadeira família típica irlandesa e talvez o Dr. Sheehan comesse a

1 falar irlandês com todos os seus doentes e assim, em Dublin, todas as pessoas passariam
2 a gostar da sua própria língua. Seria uma pena desperdiçar uma oportunidade daquelas.

3 Foi assim que ganhámos um verdadeiro amigo. Aprendemos a nadar e a
4 mergulhar e durante o Verão fomos todos os dias para as piscinas públicas. Poupámos e
5 comprámos óculos para podermos mergulhar mais fundo e fazer concursos a apanhar
6 moedas do chão da piscina. Atirávamos a moeda para a parte mais funda e ficávamos a
7 vê-la, às voltas, até submergir e deixar de se ver. Então mergulhávamos para a ir buscar
8 lá em baixo, onde não se falam línguas, apenas bolhas sussurrantes por todo o lado.
9 Cronometrávamos os nossos tempos para ver quem conseguia aguentar mais tempo
10 debaixo de água e o vencedor era quase sempre eu porque conseguia ficar lá no fundo
11 até os pulmões estarem prestes a rebentar, quase até morrer e precisar de ir lá acima
12 respirar palavras. Eu era o campeão a sustentar o ar. Às vezes mergulhávamos os três jun-
13 tos, cumprimentávamo-nos com um passou-bem e parecia que podíamos ficar a viver
14 ali, sentados no fundo da piscina, a fazer sinais uns aos outros. Quando saíamos
15 tínhamos os joelhos roxos, as mãos roxas, os lábios roxos e os dentes a bater. Eram
16 horas regressar a casa e de comprar pastilha elástica. O Noel sentia que ainda tinha água
17 num ouvido e tinha de se inclinar para o lado para deixar sair a água sair como se
18 escorresse de uma caneca. Éramos amigos verdadeiros e, durante todo o caminho de
19 regresso a casa, caminhávamos com as toalhas penduradas ao pescoço e batíamos com
20 os calções de banho nas paredes deixando ficar as marcas húmidas, como se fossem
21 assinaturas. Depois esperávamos até chegarmos ao último candeeiro para pararmos de
22 falar inglês.

23
24
25
26
27
28
29
30